



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**DA FÁBULA A PERVERSIDADE: A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NAS
IDENTIDADES QUE COMPÕEM A FEIRA CENTRAL DE CAMPINA
GRANDE**

PEDRO DE FARIAS LEITE E SILVA

CAMPINA GRANDE – PB.

DEZEMBRO, 2019.

DA FÁBULA A PERVERSIDADE: A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NAS
IDENTIDADES QUE COMPÕEM A FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE.

PEDRO DE FARIAS LEITE E SILVA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador (a): Prof. Dr. Severino Cabral Filho

Coorientador (a): Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior

Campina Grande

2019

PEDRO DE FARIAS LEITE E SILVA

DA FÁBULA A PERVERSIDADE: A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NAS
IDENTIDADES QUE COMPÕEM A FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE.

Monografia Avaliada em __/__/__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a)

Prof. Dr. Severino Cabral Filho

Coorientador (a)

Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior

Examinador (a)

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

Examinador (a)

Prof. Dra. Giovanna de Aquino Fonseca Araújo



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa à minha mãe (Maria Izabel Villarim de Farias Leite), por ter sido a minha maior e incondicional apoiadora, e à minha tia-avó (Maria da Salete de Oliveira Villarim) *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal de Campina Grande, por ter patrocinado meus estudos desde o início 2015.

Ao meu orientador Severino Cabral Filho (UAH/UFCG), que confiou no meu potencial e me acompanhou por difíceis momentos desta escrita.

Ao coorientador Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior (UAG/UFCG), em especial, por ter me acompanhado atenciosamente durante dois anos de pesquisa – entre PIVIC e PIBIC.

A todos os feirantes que comigo interagiram – de forma bastante calorosa – durante as visitas empreendidas por nós na Feira Central.

Ao administrador da Feira, Agnaldo Batista, representante do poder público, que contribuiu com a pesquisa estando sempre disponível, acreditando no nosso trabalho.

A Socorro Duarte, coordenadora na Secretaria de Educação Patrimonial do Município e também ex-feirante.

Aos amigos que auxiliaram na aplicação de questionários e na entrevista: César Augusto, Lúcio Nathan, Jonathan Cavalcanti e Gustavo Cavalcante.

Ao CNPq, por me contemplar com a oportunidade e o apoio para desenvolver a pesquisa que levou a esta monografia.

Ao Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial (GIDs), pelas discussões semanais.

À Mariana Marques dos Santos Dela-Bianca, por sempre ter sido um porto seguro.

A todos os professores que um dia acreditaram no meu potencial.

À minha mãe, Maria Izabel Villarim de Farias Leite: a base de tudo, sem a qual nada seria possível.

EPÍGRAFE

“Vivemos todos estes séculos acorrentados à ideia de que o passado seria o cimento das sociedades e o seu fio condutor para o porvir. Custa-nos, agora, admitir que esses papéis possam ser representados pelo futuro (...). Quem sabe, as fases precedentes da História não permitiam a realização de utopias. Mas, hoje, com o progresso científico e técnico e a empiricização da totalidade, o mundo nos garante que há várias formas possíveis – e viáveis – de construir futuros”.

Milton Santos, Totalidade do lugar.

RESUMO

A história da Feira Central confunde-se com a história da cidade de Campina Grande, devido tanto à sua dimensão econômica (envolver os circuitos da economia campinense) quanto à sua dimensão cultural, sendo caracterizada como um verdadeiro relicário da Rainha da Borborema. A feira é responsável por abrigar pelo menos 4.400 famílias, que dela tiram seu sustento. Em meados do século XX, a ida à feira representava um importante acontecimento social, caracterizando-a como um local de ócio, lazer e prazer. Esta conjuntura passa por um intensivo processo de mudança, quando a modernidade atinge uma nova etapa, trazendo consigo uma série de desafios a serem enfrentados pelo “mundo vivido” – constituído pelas práticas cotidianas difundidas na feira – enquanto repositório da continuidade histórica. Ao recorreremos a análise de discurso e o uso de recursos iconográficos enquanto recursos metodológicos, buscamos, portanto, analisar as mudanças decorrentes das ações modernizantes na feira a partir da década de 1980 e sua influência na preocupação quanto ao futuro da mesma como remanescente da identidade campinense. Os resultados apontam para a percepção de um espaço em situação de precarização, mas também de resistência às imposições da lógica do sistema capitalista, que visa dilacerar a intersubjetividade e a teia orgânica que compõem os espaços populares.

Palavras-chave: Feira livre; Campina Grande; modernidade tardia; circuitos econômicos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Fotografia 1 – A Feira Livre de Campina Grande..... | 13 |
| Fotografia 2 – Comércio de DVDs piratas na Feira Central de Campina Grande..... | 21 |
| Fotografia 3 – D. Maria..... | 32 |
| Fotografia 4 – Mercado Central..... | 36 |
| Fotografia 5 – A motocicleta no contexto da feira..... | 42 |
| Fotografia 6 – Cafezinho..... | 47 |
| Fotografia 7 – Jovens feirantes negociando frutas e verduras..... | 49 |
| Fotografia 8 – Utensílios artesanais sendo comercializados na Feira de Campina Grande..... | 50 |
| Fotografia 9 – Utensílios para uso domiciliar..... | 51 |
| Fotografia 10 - “Balaeiro”..... | 52 |
| Fotografia 11 - ““Pela-porco”..... | 53 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. Introdução | 13 |
| 2. A compressão espaço-tempo e sua influência na apropriação e valorização da Feira Central | 18 |
| 2.1. Fundamentos metodológicos: entre o discurso e a iconografia..... | 25 |
| 2.2. A análise das informações visuais dentro do campo da história..... | 29 |
| 3. Desdobramentos de conflitos “atuais” na Feira Central de Campina Grande | 33 |
| 3.1. O processo de globalização de acordo com os portadores do saber-fazer..... | 40 |
| 3.2. A feira vista e entrevista: um passeio pelo campo sem limites da imagem..... | 46 |
| Considerações finais (A expansão dos horizontes...) | 55 |
| Referências | 58 |
| Apêndices | 60 |
| Apêndice A..... | 60 |
| Apêndice B..... | 64 |
| Apêndice C..... | 66 |
| Apêndice D..... | 78 |
| Anexo | 80 |
| Anexo A..... | 80 |

1 – INTRODUÇÃO



Fotografia 1: A Feira Livre de Campina Grande (COURA, 1978).

A história de Campina Grande confunde-se, em grande medida, com a história de sua feira livre, por conta de uma série de fatores tanto históricos quanto geográficos. Isto é, a cidade de Campina Grande localiza-se numa zona intermediária entre o litoral e o sertão do estado da Paraíba, constituindo-se assim, em tempos passados, como passagem obrigatória para viajantes e tropeiros. Neste contexto, Campina Grande era uma cidade-estalagem. ?

Não é de hoje que a Feira desempenha um papel de resistência às transformações urbanas propostas pelo modernismo, de acordo com os anseios de diversos setores da sociedade, principalmente aqueles atrelados à gestão política. Sendo assim, a feira é um ponto de encontro de pessoas e de produtos provenientes de diferentes regiões. Da mesma forma, a feira sempre foi um lugar de tensões.

Esses encontros e tensões, estabelecidos ao longo da história, fomentaram uma constituição identitária que acaba exercendo importante papel nas dinâmicas sociais que se fazem presentes no espaço da feira.

Na década de 1930, Campina Grande estava vivendo seus anos dourados. A cidade estava em pleno desenvolvimento, em decorrência do comércio de algodão, através das ferrovias. Nesta época, a feira era feita no chão – não havia estrutura nenhuma. Contudo, no campo imaterial, podemos dizer que a feira de hoje não apresenta grandes diferenças em relação à feira de “ontem”. ?

Na primeira metade do século XX, a Feira enfrentou reformas higienistas no mandato de Vergniaud Wanderley. Como aponta Filho (2009) sobre a década de 1940, “a praxe das feiras já não se coadunava com o progresso” (p.43). O modernismo chegou justamente como um movimento pensado de erradicação dos costumes populares, a troca em troca da obtenção de uma almejada “ordem”.

Deste modo, de acordo com os resultados obtidos por nós durante o andamento da pesquisa, observamos que a Feira Central de Campina Grande ainda resiste como um expoente da cultura popular, fazendo, ainda que de forma ambígua, no que se refere a detalhes pontuais, oposição à cultura de massas produzida pela indústria da globalização, resultante da intensificação da comunicação intercontinental e intercultural, nas quais algumas culturas acabam sendo suprimidas e traduzidas em

certa medida por outras, e existe um projeto industrial que visa a unificação das práticas de troca à sua própria imagem e semelhança.

Neste sentido, a presente pesquisa parte de um olhar atento para um panorama global; planetário, no que se refere às condições¹ do tempo em que vivemos e de que forma os fatores desta escala global interagem com as localidades, produzindo assim, uma infinidade de processos² que nos levam a questionar sobre variadas questões, as quais nos propomos a discutir neste trabalho.

Partimos da noção de que vivemos atualmente sobre uma hegemonia antipopular que impõe seus fatores ideologicamente, e que nesses pontos específicos é partilhada por Harvey (1992), Santos (2019), Hall (2006), entre outros autores cujas contribuições estão detalhadas no Capítulo 2 deste trabalho. Esta noção também é partilhada por Carneiro (2014) e Araújo (2006), autores que desenvolveram, respectivamente, estudos sobre a Feira Livre de Pau dos Ferros e a Feira Central de Campina Grande.

As feiras, no contexto da modernidade tardia, assumem a forma de uma bolha no espaço, que conserva o tempo. Uma das características desta fase de modernidade é a supressão do sujeito, como também pontuam Canclini (2005) e Bosi (1973). De acordo com Barros (2010), a formação da cultura não se faz exclusivamente da produção, mas também da recepção, e mais importante: as camadas populares também a produzem. Por essa perspectiva, problematizaremos um sujeito em possível fragmentação, buscando entender os processos socioculturais que permeiam nossa sociedade atual, em grande parte orquestrados e possibilitados pela globalização, portadora de intencionalidades homogeneizantes; destrutivas e reformulantes, que buscam a submissão da vida e das multiplicidades à unicidade técnica, visando amplificar o

1 O mundo se torna fluido, graças à informação, mas também ao dinheiro. Todos os **contextos se intrometem** e se superpõem corporificando um contexto global, no qual as fronteiras se tornam porosas para o dinheiro e para a informação. Além disso, o território deixa de ter fronteiras rígidas [...] (SANTOS, 2019, p. 66. Grifo nosso).

2 Neste processo, um embate entre um mundo vivido, a feira, que luta para se auto reproduzir, materialmente e simbolicamente, e, de outro, o mundo do sistema que só reconhece a instrumentalidade das formas comerciais como prioritárias. (CARNEIRO, 2014, p. 51).

consumo de toda a sorte de produtos da indústria, sejam eles comercializados em forma de objetos ou ideias.

Sendo assim, o espaço da Feira Central de Campina Grande passa atualmente por um intensivo processo de mudança, quando a modernidade atinge uma nova etapa, trazendo consigo uma série de desafios a serem enfrentados pelo “mundo vivido” – constituído pelas práticas cotidianas difundidas na feira – enquanto repositório da continuidade histórica. Analisaremos as mudanças decorrentes das ações modernizantes na feira a partir da década de 1980.

Em busca de compreendermos a complexidade destes processos, selecionamos a Feira Central de Campina Grande como ponto de referência, em decorrência de todas as razões que até aqui já discutimos e que discutiremos mais a frente. Deste modo, desempenhamos diversas visitas à feira, aplicando questionários, que mais tarde serviram de base para a elaboração de um roteiro para a entrevista³ de Grupo Focal (GATTI, 2005), na qual inicialmente objetivávamos confrontar diretamente o discurso do feirante com o discurso proveniente de setores administrativos e do poder público – o que não foi possível desta forma, devido à ausência dos feirantes, que se demonstraram ausentes também em eventos promovidos pela Prefeitura, nos quais tivemos a oportunidade de participar como observadores. Esta ausência é, sem dúvidas sintomática e objeto de elucubrações, sendo diretamente interligada com a nossa problemática.

No Capítulo 3, fazemos um levantamento e análise⁴ dessas informações, entre julho de 2018 e agosto de 2019, através do desenvolvimento da pesquisa no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, a qual situava-se de forma mais marcante por propor diálogos dentro da perspectiva geográfica, mas que foi responsável, junto a discussões propostas no curso de História – em especial no componente curricular “Cultura Brasileira” – e no Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial (GIDs) para o “descobrimento” do recorte temporal

3 Aprovadas pelo comitê de ética, com registro 94624318.9.0000.5182.

4 Utilizamos o método de Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposto por Lefèvre & Lefèvre (2003, 2014), cujo objetivo é, através da superposição de vários discursos provenientes de colegas de representação, formular o que é referido por esses autores de “Fala Social”.

da década de 1980 como um marco que nos levou a decidir pela continuação desta pesquisa através do Trabalho de Conclusão de Curso, onde buscamos entender como as pessoas participantes do espaço da feira realizam suas práticas cotidianas e de que forma a modernização pode estar alterando isto, tendo em vista as intencionalidades hegemônica do que podemos chamar de pós-modernidade – emplacadora de novos ritmos, e também de novos desafios:

A associação entre a tirania do dinheiro e a tirania da informação conduz, desse modo, à aceleração dos processos hegemônicos, legitimados pelo “pensamento único”, enquanto os demais processos acabam por ser deglutidos ou se adaptam passiva ou ativamente, tornando-se hegemônicos. Em outras palavras, os processos não hegemônicos tendem seja a desaparecer fisicamente, seja a permanecer, mas de forma subordinada, exceto em algumas áreas da vida social e em certas frações do território onde podem manter-se relativamente autônomos, isto é, capazes de uma reprodução própria. Mas tal situação é sempre precária, seja porque os resultados localmente obtidos são menores, seja porque os respectivos agentes são permanentemente ameaçados pela concorrência das atividades poderosas. (SANTOS, 2019, p. 35).

Tendo em vista um maior aprofundamento das discussões, ao fim do Capítulo 3, recorreremos ao testemunho visual contido em algumas representações iconográficas produzidas por Roberto Coura em 1978, antes da precarização descrita por Santos (2019) acometer a feira com intensidade e provocar uma desconexão da mesma com a cidade de Campina Grande, gerando assim uma queda considerável na “freguesia”, de acordo com os feirantes.

É válido mencionar que o que as pessoas consomem também faz parte de suas identidades, seja individual ou coletiva (Clammer, 1997, apud Burke, 2012). Do mesmo modo, o movimento econômico de troca realizado entre o feirante e o “freguês” cria capital social e capital cultural. O “marketing” do feirante é a “amizade”, pois depende de vários mecanismos e/ou práticas culturais por ele desenvolvidos para criar sua ligação com o “freguês”, detalhe específico da cultura popular, que se perde na cultura de massas e é ameaçado pelos fatores da modernidade. Sendo assim, a sobrevivência do feirante e da própria feira dependem então, dos desdobramentos dos conflitos entre o que Santos (1979) descreve como “circuito superior” e “circuito inferior” (glocalismo).

CAPÍTULO 2

E o cap. 1?

**A compressão espaço-tempo e sua influência na
apropriação e valorização da Feira Central.**

A feira não é somente algo plausível, visualizado numa praça, em determinados dias, mas sim, é um conjunto de relações econômicas, algumas vezes embotadas por uma série de artifícios, o que nos pode levar a, erroneamente, considerá-las como relações 'nãoeconômicas'.

(Vieira, 1980, p.4)

A década de 1980 trouxe consigo grandes avanços tecnológicos, principalmente na área da informação, com a sofisticação dos computadores e a criação de redes (SANTOS, 2017, p.17). Contudo, trouxe também potentes impactos sociais, advindos de uma reorganização das forças produtivas representantes do grande capital, que desta forma busca se reproduzir promovendo profundas mudanças estruturais, seguindo uma lógica calculista, robótica, que visa apenas o lucro.

De acordo com Mattos (2019, p. 111), o avanço do capital produz contraditório processo em que o mesmo leva às máximas potencialidades a ciência e a comunicação social embora continuasse buscando aprisioná-las à medida do valor. Um território, atualmente, coloniza o outro promovendo a derrubada de seus muros. É uma guerra pela promoção do “livre” comércio, que brada contra os fazeres e saberes populares; informais; subjetivos; que por sua vez se autodefendem.

Ao desenvolver esta pesquisa, compreendemos que, antes de adentrarmos em discussões que dizem respeito às especificidades do local, necessitamos partir de uma compreensão dos processos que se desenvolvem globalmente, e que respingam e capilarizam-se, em diferentes medidas, em diversos espaços. Pensar sobre este momento requer questionamentos e problematizações sobre a forma com que a ordem global e local (o glocalismo⁵) se sobrepõem. “O desafio está em separar da realidade total um campo particular, suscetível de mostrar-se autônomo e que, ao mesmo tempo, permaneça integrado nessa realidade total” (SANTOS, 2017, p.20).

O objeto de estudo de uma história que se preocupa em abordar a questão cultural vai além dos sujeitos e agências que produzem a cultura, pois alcança os meios pelos quais esta se produz e se transmite, ou seja, as práticas e os processos (BARROS, 2010, p. 61).

O entendimento que buscamos sobre essas práticas e processos perpassa pelo reconhecimento de diferentes mundos: o global e local; o mundo do sistema e o mundo da vida; o “próximo” e o “distante”; perpassa também pela compreensão de que

5 O termo glocalização foi pensado inicialmente por Robertson (1995) como expressão das contradições entre as relações dos aspectos globais e locais do mundo capitalista.

diferentes tempos históricos podem coexistir. Santos (1979, p. 16) sintetiza essa dicotomia através do conceito de circuito (superior e inferior), onde cada circuito se difere pelos seus meios de produção, tanto econômicos quanto culturais:

O circuito superior ocorre fora da cidade e da região que os abrigam e tem por cenário o país e o exterior. O circuito inferior, formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é, ao contrário, bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região.

Canclini (2005) fala sobre o eventual resultado das revoluções industriais, pontuando como elas produziram o enfraquecimento das subjetividades, do indivíduo interior, subjogado pelas vontades do externo, que no dado caso eram provenientes do mercado industrial em ascensão. Os sujeitos se tornam cada vez mais irreconhecíveis, e, com isso, buscam, nos campos imaginários, representações de individualidades fortes (das quais eles possam receber um afago na “alma”, a partir da percepção falha de sua própria realidade de subjugação). Com isso, o autor cria o questionamento: “seria o sujeito uma construção ficcional [...] ou poderia haver também sujeitos críticos, expectadores que exerçam iniciativas próprias?” (p.184).

Descrevendo o sistema capitalista moderno e digital, Canclini (2005) denota que “[...] é cada vez mais difícil encontrar um fabricante que venda o produto e até mesmo o empregado que o vendeu [...]” (p.184). Com esse exemplo, o autor procura demonstrar na prática e no cotidiano, como as individualidades estão dilaceradas. A feira livre representa uma oposição ao modelo de comércio capitalista, pois nela desenvolve-se uma relação mais íntima entre “freguês” e vendedor, onde as pessoas não são anônimas, onde ainda existe individualidade e espontaneidade, pois ela é feita de iniciativa própria, constituindo-se de uma tradição que emana do povo. A cultura de massas, por sua vez, se opõe dialogicamente à cultura popular, sendo planejada e produzida pela indústria cultural com a única intenção de visar o lucro. Como diz a historiadora Araújo (2006), em seu livro “Múltiplos Discursos Sobre a Feira Central de Campina Grande”, cultura de massas define-se por ser

[...] uma cultura superficial, padronizada, repetitiva, que celebra os prazeres banais, sentimentais, imediatos e falsos, em detrimento dos valores sérios, individuais e autênticos (p.32).

Ecléa Bosi (1973), refere-se à Cultura Popular como folclore e como uma fonte de educação que tem na sua origem uma relação simbiótica com a própria vida social. Já a cultura de massas é imposta de fora para dentro do meio popular, estabelecendo uma relação parasitária sobre a cultura “do povo”, da qual se apropria, para ressignificá-la e vendê-la, lucrando com ela. Sendo assim,

Quando a cultura popular entra em crise, quando se empobrece e desagrega, os prejuízos que daí advém afetam a segurança subjetiva do homem, que se reduz de seu papel de criador e renovador dessa cultura para o de consumidor (p.65).

De acordo com Andrade (1987, p. 138, apud CARNEIRO, 2014, P. 45), “a feira é ponto de encontro entre o meio rural e o urbano”. Neste momento, iremos além: a feira é ponto de encontro do sistema com a vida; no sentido de que o primeiro tenta colonizar a segunda, e a mesma se serve dos seus meios técnicos, permitindo-lhe exercer sobre o sistema uma espécie de contra-ataque. Isto é facilmente observável na reprodução e venda de DVDs piratas, por exemplo, prática presente na Feira Central de Campina Grande:



Fotografia 2: Comércio de DVDs piratas na Feira Central de Campina Grande. Fonte: Acervo pessoal (2018).

Este movimento pode ser visto tanto como integrante dos mecanismos de autopreservação da ordem local, mas também como uma espécie de anomalia, que pode representar a perda de traços tradicionais do lugar, que busca, em alguma

medida, se adaptar às demandas globais introjetadas na nossa sociedade (CARNEIRO, 2014). Afinal, o que as pessoas consomem faz parte de suas identidades⁶.

Nesse contexto, a globalização pode ser observada como um fenômeno paradoxal. Se por um lado, vista como realmente é (perversa) produz um distanciamento das pessoas enquanto dilacera a teia orgânica que forma a intersubjetividade do espaço público; por outro o imaginário da sua existência como “locus” das relações afetivas e identitárias transforma-a em fábula:

onde os homens, através de seus procedimentos discursivos, da convivência com a pluralidade humana, [...] podem compartilhar a **construção de um mundo comum**, legitimado pelo reconhecimento público e intersubjetivo dos outros. (FISCHER & MOLL, 2000, p.41. Grifo nosso).

Santos (1979) preocupa-se bastante com a coordenada tempo, buscando sua intersecção com o espaço, quando fala de uma “história espacial”, onde afirma que “as variáveis modernas não são todas acolhidas ao mesmo tempo nem têm a mesma direção” (p. 20). Feiras livres, neste sentido, tendem a se colocar como mecanismos de freio:

O consumo responde a forças de dispersão, mas a seletividade social age como um freio, pois a capacidade de consumir não é a mesma qualitativa e quantitativamente. No entanto, como os gostos novos se difundem na escala do país, enquanto **os gostos tradicionais subsistem**, o aparelho econômico deve adaptar-se ao mesmo tempo aos imperativos de uma modernização poderosa e às realidades sociais, novas ou herdadas (SANTOS, 1979, p. 21. Grifo nosso).

Essas ressignificações colocam-se na escala do local, resultando da somatória de vários microcircuitos de escala pessoal, manifestados pela individualidade de cada feirante. Resgatamos Hall (2006) – que escreve sobre a identidade em declínio, pondo em risco a ligação do sujeito com a sociedade, definindo identidade como aspecto

6 Identidade que é resultado de mudanças estruturais, produtoras de ambiguidades. Identidade, em Hall (2006), aparece como a variável no espaço entre o interior e o exterior ao ser.

derivado do “pertencimento” – para pensarmos também sobre a questão subjetiva de cada indivíduo, que também são alvos do confronto imposto pela globalização:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas do final do século XX. [...] Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. (HALL, 2006, p.9).

Partir em busca de uma identidade “fugidia”, como coloca Araújo (2006) ou “descentrada” como refere-se Hall (2006), nos possibilita acesso à reflexões que concernem à identificação da natureza e dos impactos dos aspectos causadores desta “fluidez” identitária, pelo fato desta representar uma oposição à tradição e ser vontade do capitalismo, que nela encontra maior possibilidade de ação para capilarizar-se sobre o território:

[...] o que é imposto aos espíritos é um mundo de fabulações, que se aproveita do **alargamento de todos os contextos**. [...] Seus fundamentos são a informação e o seu império, que encontram alicerce na produção de imagens e do imaginário, e se põem a serviço do império do dinheiro, fundado este na economização e na monetarização da vida social e da vida pessoal. (SANTOS, 2019, p. 18. Grifo nosso).

A “compressão do espaço-tempo”, (HARVEY, 1992; HALL, 2006), consiste neste “alargamento”. Neste contexto, o culto ao consumo é estimulado. Também é intensa a adesão aos comportamentos competitivos. Milton Santos fala sobre um espaço dividido, já Stuart Hall fala sobre um sujeito dividido.

Considero importante contestar a ideia de um sentido único e objetivo de tempo e de espaço com base no qual possamos medir a diversidade de concepções e percepções humanas. Não defendo uma dissolução total da distinção objetivo-subjetivo, mas insisto em que reconheçamos a multiplicidade das qualidades objetivas que o espaço e o tempo podem exprimir e o papel das práticas humanas em sua construção [...]. A conclusão a que deveríamos chegar é simplesmente de que nem o tempo nem o espaço podem ter atribuídos significados objetivos sem se levar em conta os processos materiais e que somente pela investigação destes

podemos fundamentar de maneira adequada os nossos conceitos daqueles. (HARVEY, 1992, p.189).

As considerações de Harvey (2010) citadas acima fundamentam o nosso objeto de pesquisa: a feira livre como expressão dos processos materiais nos quais a influência globalizadora esbarra com os elementos “localizantes”, porém dialeticamente articulado com os dois parâmetros dos circuitos econômicos.

A constante é a “divisão”, que pode ser lida como “fragmentação”, resultando, na quebra da fábula com o aprofundamento das diferenças locais. Os alcances destes impactos são múltiplos e têm a potencialidade de retorcer as expressões do cotidiano do mundo vivido, que fundamentam-se em “relações de confiança baseadas em contatos feitos pessoalmente, uma” comunidade produtiva” historicamente enraizada em um lugar específico, **um forte sentimento de orgulho local e apego...**” (HALL, 2006, p. 44. Grifo nosso).

Neste sentido, buscaremos evidenciar possíveis desdobramentos de ressignificações advindas dos ventos da modernidade⁷, analisando como irrompe a relação dialógica entre circuito inferior – onde o lucro não é tão importante e as práticas estão ligadas diretamente à sobrevivência – e circuito superior, no espaço da Feira Central de Campina Grande, a partir da década de 1980, que foi marcada por uma abertura maior no que se refere aos fenômenos da globalização, caracterizando-se também por ter sido um período de forte crise econômica no Brasil; sendo este último detalhe um fator potencializador do aprofundamento do capital (MATTOS, 2019).

⁷ “Geralmente percebido como positivista, tecno cêntrico e racionalista, o modernismo universal tem sido identificado com a crença no progresso linear, nas verdades absolutas, no planejamento racional e de ordens sociais ideais, e com a padronização do conhecimento e da produção.” (HARVEY, 1992, p.19). No último quartel do século XX, é aberto espaço para uma nova fase da modernidade (a pós-modernidade), que não consiste numa ruptura, mas numa revelação do caos que se escondia por trás da vontade e do otimismo progressista, e aguardava pela aceleração das inovações técnicas ainda por vir.

2.1 Fundamentos metodológicos: entre o discurso e a iconografia.

Se o texto do historiador deve desdobrar-se sobre textos de uma outra época e devem dar voz aos personagens históricos que constituem a trama em questão (BARROS, 2016, p. 141), faz-se necessário pontuar que: “a localização e seleção das fontes é a primeira etapa do trabalho do historiador: a heurística.”(KOSSOY, 2014, p. 69). No nosso caso, a heurística foi uma etapa que prolongou-se, de acordo com as necessidades que apareceram durante o amadurecimento da pesquisa.

O recorte temporal proposto para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na verdade, resulta de uma pesquisa desenvolvida previamente, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), em vigor entre o 2º Semestre de 2018 e o 1º Semestre de 2019. Sob o título de “Feira central: um remanescente cultural da identidade campinense em risco”, a pesquisa tinha o objetivo de identificar se as representações⁸ sociais dos sujeitos que realizam as práticas espaciais na feira livre possibilitam a sua manutenção como objeto que expressa a identidade⁹ do campinense.

Através do contato com os feirantes, resultante da aplicação de questionários¹⁰, obtivemos como resultado o recorte da década de 1980 como um marco na redução do

8 De acordo com Pesavento (2005, p.39), as representações são matrizes geradoras das práticas sociais: “Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”. Sendo assim, aquele que cria uma representação está exercendo o seu poder sobre o mundo, mobilizando os outros a vê-lo de sua forma.

9 “[...] questão identitária estando relacionada à memória e a história oral, consiste no fato de sabermos que a História oral se desenvolveu na década de 1970 vinculada à problemática dos estudos das identidades. Nesse sentido a história oral é acima de tudo também social, construída a partir da relação identitária estabelecida entre os sujeitos por resultado de uma vivência culturalmente construída entre os sujeitos que tem lembranças comuns, e se estes possuem essas lembranças coletivas, o fazem necessariamente por fazerem parte de grupos sociais comuns, com aspectos sociais, simbólicos e materiais comuns, aspectos vinculados ao processo de identificação e construção dos sujeitos a partir da intermédio de experiências individuais refletidas no coletivo.” (ARAÚJO, 2009, p. 3).

10 No total, foram 20 questionários, 5 para cada região: frutas e verduras; carnes; aves e minimercado. Esses questionários – direcionados aos feirantes – serviram principalmente para nortear a elaboração dos tópicos guia da entrevista de grupo focal. No “Anexo A” consta um croqui da Feira Central, onde podemos visualizar suas diferentes regiões.

“movimento” na feira livre. Desta forma, a pesquisa inicial, proposta e elaborada por uma perspectiva geográfica, no decorrer de seu progresso apresentou, naturalmente, questionamentos a serem respondidos a partir de um enfoque histórico. Portanto, é com essa intenção que escrevemos o presente trabalho.

É válido frisar que o recorte temporal não está explicitado no título, pois, assim como nosso objeto de estudo, apresenta uma certa “fluidez”. Não parece existir um evento específico no que se refere ao avanço acelerado da globalização, além de termos visto que este fenômeno alcança diferentes espaços, em diferentes tempos, e diferentes intensidades. Este é um processo que ainda está em andamento. Temos como foco de análise a década de 1980, contudo, empregaremos a análise de fontes iconográficas que datam de alguns anos antes, mais especificamente, de 1978, como veremos adiante, para que vislumbremos uma feira livre – plausivelmente – localizada num tempo que precede à intensificação do embate cultural, também discutido acima.

Em visitas de campo, nas quais aplicamos questionários relacionados aos impactos sociais na feira (Apêndice D) realizamos também o preenchimento de um inventário sobre sua estrutura, funcionamento e práticas cotidianas (Apêndice E) e realizamos fotografias, trazendo-as para o nosso acervo pessoal. Esse contato inicial possibilitou uma maior aproximação com o espaço vivido, com as representações sociais que o permeiam:

A representação social [...] é caracterizada como uma forma de saber, composta de estados e processos contidos em conteúdos representativos (informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais, ideológicos, etc.), baseados em diferentes suportes, tais como linguagem, discurso, documentos, práticas, dispositivos materiais e mesmo em eventos intra-individuais ou de hipóstases coletivas (espírito, consciência de grupo). (ALMEIDA, 2005: p. 47, 49).

Oportunamente, participamos do “Fórum de Salvaguarda da Feira Central de Campina Grande – Patrimônio Cultural do Brasil”, nos dias 11 e 12 de setembro de 2018. Este evento foi promovido pelo IPHAN e pela prefeitura de Campina Grande, com o intuito de criar um elo entre os feirantes e o poder público, objetivando a

proteção da Feira Central, vide sua suposta situação de fragilidade. Acrescente-se a este fato a nossa participação no evento de lançamento do projeto de desenvolvimento “Bom é na Feira” (31/05/19), a convite da Prefeitura Municipal de Campina Grande. Nesses dois eventos, praticamente não houve a participação dos feirantes, que de certa forma configura-os como exógenos à organicidade da feira, que os rejeita. Sendo assim, pudemos também elaborar questionamentos sobre as relações intercorrentes entre a feira e grupos que desejam projetar suas vontades sobre ela.

O emprego das fontes iconográficas surge como proposta metodológica complementar ao método da análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), tendo em vista que apesar de nossos esforços, conseguimos a confirmação de apenas 4 quatro representantes para a Entrevista de Grupo Focal: Socorro Duarte, coordenadora na Secretaria de Educação Patrimonial do município e também ex-feirante; Severino Cabral Filho, professor do curso de História da UFCG, “freguês” e conhecedor da história da Feira; Aginaldo Batista, ex-feirante e administrador da Feira Central; e por fim, um ex-feirante que não pôde ser mencionado pois não chegou a assinar o termo de consentimento. Visando reduzir os riscos de possíveis constrangimentos conforme justificado no protocolo do Comitê de Ética, optamos pela não identificação dos sujeitos participantes. Além disso, optamos por registrar em *itálico* a transcrição literal do texto.

Para a obtenção de sucesso na entrevista de grupo focal, Gatti (2005) sugere uma série de procedimentos e estabelece uma série de normas que devem ser seguidas. De acordo com a autora, em seu livro “Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas”, o foco do método é proporcionar uma boa *interação* para o grupo entrevistado, que deve ter cerca de seis à oito participantes; ser informado de maneira vaga sobre a discussão e; gozar do mínimo possível de intervenção do pesquisador durante a entrevista. No caso desta pesquisa, o pesquisador ocupou o posto de moderador, além de ser o responsável pela análise da transcrição da entrevista, que também deve ser realizada tendo como foco as interações entre o grupo entrevistado.

Sendo assim, por ter um certo caráter espontâneo, o grupo focal torna possível que compreendamos as complexidades das formas de pensar.

A busca por adesão à entrevista não foi fácil, pois por mais que o local escolhido estivesse bem localizado (Rua Maciel Pinheiro), no Centro, próximo à Feira, os feirantes convidados não conseguiram visualizar nenhum tipo de vantagem em participar da entrevista, como também foi no caso do Fórum de Salvaguarda da Feira Central de Campina Grande, onde eles não se fizeram presentes.

Contamos com a participação de duas pessoas além do pesquisador, um graduando do curso de psicologia da UEPB, que atuou como relator¹¹ e um estudante do curso de geografia da UFCG, que atuou como auxiliar na parte referente à organização do local, *coffee break* e manutenção de aparelhos tecnológicos como gravador som e filmadora. A entrevista foi desenvolvida em uma sala da Biblioteca Municipal.

No que se refere à análise propriamente dita das informações, quando se recorre ao Grupo Focal, o sujeito social a ser pesquisado é o próprio grupo. Por exemplo: quando se fala sobre um tema e se têm três posicionamentos, o discurso (fala social) consiste na superposição dos três discursos.

A análise das informações contidas na entrevista foi realizada após a transcrição completa do áudio (Apêndice C), que atingiu a marca de 1:30hs de duração, resultando em 9306 palavras, presentes em 19 laudas (na fonte Times New Roman, tamanho 12).

O método de Análise de Discurso utilizado por nós – o DSC¹² – deriva da identificação das *Ideias Centrais e Expressões Chave* como técnica para a elaboração do discurso do sujeito pesquisado, segundo os procedimentos propostos por Lefevre &

11 O relator desempenhou sua função tomando notas em tempo real, prestando atenção não só às falas dos entrevistados, como também a sua linguagem corporal. O relatório está presente no Apêndice A.

12 A partir do processo de produção do DSC, as representações sociais sob a forma de depoimentos coletivos veiculam histórias coletivas. Lefèvre & Lefèvre (2014).

Lefevre (2003). O Quadro I (Apêndice B) exemplifica o uso desse procedimento, contendo transcrição correspondente ao áudio dos segmentos representados (administração, acadêmica, coordenadoria de educação patrimonial do município), seguido do discurso obtido e de sua análise no que se refere à metodologia utilizada. A empiria da técnica baseia-se na noção de que é possível agrupar em grandes categorias de representação discursos de indivíduos que compartilham modos semelhantes de interagir com o mundo e a vida cotidiana. O pesquisador é justamente o ator responsável por trazer essas representações em forma de depoimento coletivo, através da análise e da superposição dos diversos discursos. Neste caso, o discurso não é proferido pelo pesquisador – este apenas veicula-o. Em outras palavras, a Análise de Discurso do Sujeito Coletivo é uma técnica que nos permite perceber um discurso coletivo capilarizado no discurso de sujeitos individuais, que juntos são “colegas de representação”

Cada pessoa carrega em si práticas em comum com o grupo ao qual ela está inserida. Sendo assim, tais práticas são consideradas como evidências que refletem como os indivíduos de certo grupo compreendem seu mundo. Essa é basicamente a definição de Durkheim sobre representação coletiva, que vem a ser a representação social. Para Pesavento (2005), as representações são matrizes geradoras das práticas sociais: “Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (p.39).

Buscando encontrar as diversas “falas sociais” presentes na feira (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2003), procuramos diagnosticar as reminiscências culturais, mas também observar o mundo real – prático – de modo a problematizar se as práticas culturais estão sendo difundidas. Relações de poder com o espaço são indicadores disso.

2.2 A análise das informações visuais dentro do campo da história

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, sentimos a necessidade de recorrer a fontes iconográficas, indo além do discurso (fonte oral). Tal abordagem possibilita a formação de críticas tanto a respeito do conteúdo da fotografia quanto o do discurso,

através da relação dialética entre ambas as fontes. A fotografia, assim como o discurso, consiste numa realidade imaginada, com o diferencial de ser também um produto das belas artes.

O ato de fotografar consiste na captura de um fragmento da vida que se perderia em decorrência da continuidade do tempo. Fotografar é, ao mesmo tempo, testemunhar, na medida em que o próprio fotógrafo é capturado por sua captura, sendo agente e personagem do processo: “Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época.” (KOSSOY, 2014, p. 40). Na mesma medida, a fotografia também *comprova*, a partir do testemunho visual. Comprova uma certa atitude do fotógrafo diante da realidade e detém a potencialidade de revelação: “[...] emprego da iconografia fotográfica do passado [...] uma possibilidade de descoberta. (KOSSOY, 2014, p. 59)”.

A fotografia também celebra, protege e nos permite relacionar realidades distintas. Os fotógrafos usam as câmeras como instrumento dessas potencialidades; como instrumentos de mudança. Deste modo, é fundamental compreender a fotografia como “[...] produto humano, ela cria, também com esses dados luminosos, uma realidade que não existe fora dela, nem antes dela, mas precisamente nela. (MACHADO, 1984, p. 40 apud KOSSOY, 2014, p. 59)”.

Filho (2009) também disserta sobre o uso da fotografia como fonte histórica e como uma representação, que se diferencia do real, mas é fruto do mesmo, portanto conduzindo-nos a símbolos dele (p.46). Como afirma Kossoy (2014, p. 48), “inicia-se portanto, uma outra realidade, a do documento: a segunda realidade, autônoma por excelência”.

Através do emprego da análise destas fontes iconográficas, objetivamos fazer o cruzamento da memória visual¹³ com a análise do discurso desenvolvida a partir do

13 “Fotografia é memória e com ela se confunde.” (KOSSOY, 2014, p. 172).

PIBIC, bem como com informações obtidas por pesquisadores que me precederam, a exemplo de Araújo (2006).

Para este fim, selecionamos fotografias da Feira Central de Campina Grande do ano de 1978, de autoria de Roberto Coura¹⁴, publicadas em seu livro intitulado “A Feira de Campina Grande (2007)”. Esta publicação conta com 90 fotografias – selecionadas pelo autor (dentro de um universo de mais de 1700 imagens obtidas por ele) – das quais selecionaremos algumas para análise.

Como estamos lidando com fontes iconográficas impressas, a pesquisa estará focada mais diretamente no conteúdo da imagem, já que se trata de uma fonte secundária; uma reprodução. No Capítulo 3, faremos uma inspeção das especificidades do veículo que contém a reprodução (análise técnica), seguidamente da análise iconográfica e iconológica. De acordo com Kossoy (2014, p. 110),

A análise iconográfica, entretanto, situa-se ao nível da descrição, e não da interpretação, como ensinou Panofsky. Este, referindo-se à representação pictórica, revive o velho e bom termo iconologia como um “método de interpretação que advém da síntese mais que da análise” e que seria o plano superior, o da interpretação iconológica do significado intrínseco.

Deste modo, cabe ainda frisar que, enquanto a análise iconográfica diz respeito à identificação do conjunto de elementos que foram captados pela fotografia, a análise iconológica não tem limites¹⁵, cujo objetivo é confrontar possíveis realidades escondidas por trás da imagem e das inúmeras manipulações de toda a natureza que ocorrem ao longo da vida de uma fotografia.

14 Possui graduação em desenho industrial pela Universidade Federal da Paraíba (1985). Fotógrafo desde 1972 (autodidata) atuante em áreas da fotografia sociológica-antropológica, fotografia de produto, fotografia arquitetônica e de obras de artes. Várias exposições no Brasil com trabalhos publicados em revistas e catálogos nacionais e internacionais. Atualmente é professor adjunto IV do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal da Paraíba. Fonte: Escavador. Disponível em <<https://www.escavador.com/sobre/1847066/roberto-jose-barbosa-coura>>. Acesso em: 19 de novembro de 2019.

15 “A **leitura das fotografias** se abre em leque para diferentes interpretações a partir daquilo que o receptor projeta de si [...]”. (KOSSOY, 2014, p. 129. Grifo nosso).



Fotografia 3: D. Maria (1978). Fonte: Coura (2007).

Em entrevista¹⁶ ao Programa Diversidade, Coura revela que a fotografia acima foi escolhida como símbolo atemporal do projeto de documentação da feira livre desenvolvido por ele. Este registro visual é um documento que fala também sobre a história do próprio fotógrafo, que nos momentos de descanso, sentava-se próximo a D. Severina (popularmente conhecida como D. Maria) e passava alguns bons momentos conversando com ela. O resultado do trabalho de Coura é moldado e manipulado de acordo sua trajetória e suas intencionalidades.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZMfvQvGhgsY&t=260s>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

CAPÍTULO 3

Desdobramentos de conflitos “atuais” na Feira Central de Campina Grande

Serra acima está Campina- Grande é a sua feira tem gente de toda classe da primeira à derradeira. Tem gente besta e sabida - analfabeto e doutor suspirando ombro a ombro - segundo as leis do Senhor. Uns traz fardo na cabeça - no balaio, no caçoá trouxa, embrulho, saco, cesta - tudo serve é só pegar. Vem o caminhão roncando- carroceria entupida de gente que compra, vende- e sofre, mas ama a vida. Se o pobre traz a esperança- escondida na cangalha traz o malandro a peixeira- onde a morte se agasalha. De toda parte chegando-honra e desonra ele tem se uns vem pra ser enganados- os que engana também vem. Noite se faz madrugada- manhã, tarde, anoitecer na feira - riso - que é vida-gemido - que é morrer.

(Lourdes Ramalho, A feira).

Em 4 de junho de 2017, conclui-se um processo iniciado em 2007 pelo IPHAN que objetivava trazer para a Feira Central de Campina Grande o título de Patrimônio Cultural do Brasil:

O reconhecimento se deve ao fato de ter sido palco de importantes manifestações políticas populares, como a Revolta do Quebra-Quilos, além de ser considerada uma grande feira livre, que abarca inúmeras manifestações culturais representativas da identidade nacional. Na feira encontramos a literatura de cordel, os emboladores de coco, o forró pé de serra, ofícios tradicionais (seleiros, raizeiros, cesteiros, frandreiros etc.) e uma vasta gastronomia regional, entre tantas outras referências culturais. (Folheto de apresentação do Fórum de Salvaguarda da Feira Central de Campina Grande. IPHAN, 2018).

No contexto deste acontecimento, surge a pesquisa que desencadeou este Trabalho de Conclusão de Curso, o qual coloca-se atento às novas questões e possibilidades levantadas a partir de então. Como afirma Barros (2016, p. 142), “[...] o historiador [...] está suspenso em duas épocas”. A partir desta concepção, faremos um breve balanço de alguns eventos contemporâneos diretamente entrelaçados ao nosso recorte espacial.

A obtenção deste título reforça o valor da Feira Central de Campina Grande como um espaço do povo. Um espaço que, de certa forma, é um dos poucos que ainda resistem aos processos de mudança econômica e cultural promovidos pela globalização. As sociedades modernas são sociedades de mudança constante e palco de rupturas¹⁷. Como resgata Stuart Hall: “[...] a medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra” (GIDDENS, 1990, p.6, apud HALL, 2006, p.15).

¹⁷ Resgatemos pragmaticamente a seguinte colocação de Hobsbawm (1984, p. 15-16): O próprio aparecimento de movimentos que defendem a restauração das tradições, sejam eles “tradicionalistas” ou não, já indica essa ruptura”. Tais movimentos, neste caso, buscam perpetuar tradições, o que seria um sintoma indicador de problema. Contudo, Hobsbawm ainda pontua (p. 20) que os impulsos externos da economia, atrelados ao aparelho burocrático estatal, são incapazes de desenvolver a tradição.

Na contemporaneidade, os feirantes se veem forçados a se adaptar ou competir com o moderno modelo de relações capitalista, onde não existe profundidade na relação interpessoal entre consumidor e vendedor:

“O modernismo dedicava-se muito à busca de futuros melhores, mesmo que a frustração perpétua deste alvo levasse à paranoia. Mas o pós-modernismo tipicamente descarta essa possibilidade ao concentrar-se nas circunstâncias esquizofrênicas induzidas pela fragmentação e por todas as instabilidades. [...] **o mundo perde assim, momentaneamente, sua profundidade.**” (HARVEY, 1992, p. 57. Grifo nosso).

Em oposição a esse modelo, a Feira Central ainda conserva-se como um local de afetividade, um espaço familiar e nostálgico: uma relíquia do passado e um lugar de resistência:

Dessa forma, sua importância não se resume apenas ao papel desempenhado do nascer e expansão das cidades, mas sobretudo na condição de reprodução simbólica, de um mundo social vivido, que insistentemente, **resistentemente**, permanece vivo em nossas mentes e objetivamente presente no espaço público. (CARNEIRO, 2014, p. 50. Grifo nosso).

O Fórum de Salvaguarda ocorrido nos dias 11 e 12 de setembro de 2018 foi uma das formas de resistência adotadas pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para proteger a feira, cujo principal objetivo no momento foi fundar um comitê gestor provisório, alicerçado na Lei nº 8.029, de 12 de abril de 1990; na Lei nº 8113, de 12 de dezembro de 1990; no Decreto nº 3551, de 4 de agosto de 2000; e especialmente disposto no inciso V, do art. 21, do Anexo I, do Decreto Nº 6.844, de 7 de maio de 2009, e no inciso V, do art. 115 da portaria MinC nº 92, de 5 de julho de 2012, bem como considerando o Registro da Feira de Campina Grande como patrimônio cultural imaterial do Brasil, de acordo com a decisão proferida na 87ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 27 de setembro de 2017.

O Comitê Gestor Provisório tem as seguintes atribuições:

I – Estabelecer as diretrizes técnicas que nortearão a elaboração do plano de salvaguarda da Feira Central de Campina Grande;

II – Definir as ações prioritárias e estruturais com vistas à preservação e promoção das referências culturais relacionadas à Feira Central de Campina Grande;

III – Acompanhar e participar dos trabalhos decorrentes da implementação o plano de salvaguarda da Feira Central de Campina Grande;

IV – Produzir as consultas necessárias a setores correspondentes, com vistas à obtenção de informações pertinentes para a elaboração e implementação do plano de salvaguarda da Feira Central de Campina Grande;

V – Apoiar as atividades de difusão, pesquisa, proteção e ações educativas relacionadas à Feira Central de Campina Grande;

VI – Outras atividades condizentes à consecução dos objetivos deste Comitê Gestor.

De acordo com o Art. 3º, o comitê gestor foi constituído por representantes dos feirantes, com os respectivos suplentes, eleitos em fórum deliberativo, representados pela concordância de diversos setores da feira. Também é constituído por representantes do poder público e demais entidades da sociedade civil, indicados pela autoridade competente. Secretaria de Cultura, Secretaria de Educação, SESUMA, SEPLAN, Coordenadoria de Turismo, UFCG, UEPB, Associação dos Feirantes, Instituto Solidarium e o Inventário Nacional de Referências Culturais da Feira de Campina Grande estão inclusos.



Fotografia 4: Mercado Central (2018). Fonte: Acervo Pessoal.

Sendo assim, prestemos atenção à composição do Comitê Gestor descrita acima. É notória a tentativa de inclusão dos feirantes no debate. Contudo, de acordo com a fala da **Coordenadora** em entrevista de grupo focal realizada por nós, o comitê *“vem se reunindo periodicamente, ouvindo os feirantes, buscando propostas, para tentar uma solução, e, pelo menos, melhorar a qualidade de quem está trabalhando lá, mas é uma luta constante”*. *“Você vai fazer uma reunião e convoca, e só aparece 4, 5 comerciantes, o que é que está acontecendo?”*, indaga o **Administrador** da Feira Central, denotando que o desinteresse dos feirantes continua o mesmo.

A superposição dos três discursos obtidos do grupo pesquisado, formado por pessoas que vivem a feira como fregueses e/ou funcionários públicos atrelados à administração e salvaguarda do local aponta para o reconhecimento da mesma como um importante espaço na formação da cidade, apesar de ser negligenciada em espaços públicos de uso cultural como o museu digital, que não traz informações sobre a feira. Isso se deve, em parte, pelo fato dos feirantes serem desacreditados e ausentes na decisão de gestão desse espaço por parte da prefeitura¹⁸, responsável direto pelo planejamento e desenvolvimento da feira.

Observa-se na imagem discursiva que o problema da ausência de reconhecimento da feira e da falta de motivação dos usuários diretos se dá em decorrência da pouca participação de empresas privadas em ações para melhoria da infraestrutura e equipamentos da feira de forma a proporcionar melhores condições de trabalho uma vez que a prefeitura não dispõe de recursos próprios para tais melhorias. De acordo com os entrevistados, as reuniões periódicas entre a prefeitura e organizações sociais como o IPHAN e o Comitê de Salvaguarda da Feira Central são fundamentais, ao proporem planos de desenvolvimento para a feira.

De acordo com as informações presentes no discurso, podemos identificar palavras como “planejamento” e “desenvolvimento”, que refletem um pensamento

18 [...] o poder político [...] não pode ser visto como uma máquina monstruosa que, unicamente, esmigalha os indivíduos, mas acima de tudo, é uma máquina que produz indivíduos. (ARAÚJO, 2006, p. 139). Percebamos a ação do poder público como possível sustentáculo para a promoção da feira, diante de discursos modernos que a depreciam.

modernizador e remetem a enfrentamentos passados que ocorreram no espaço da Feira Central de Campina Grande.

Para Harvey (1992), a modernidade tem um poder destrutivo. Desde pelo menos a década de 1930, período em que, de acordo com Filho (2009, p. 44), as principais cidades brasileiras começam a “dar vazão aos seus devaneios modernos”, tendo como alvo muitas vezes os espaços caóticos e desregrados das feiras livres.

Entre a década de 1930 e a década de 1940, como percebe Filho (2009, p.40), resgatando um discurso proferido por um intelectual da época (o bacharel em direito Carlos Alencar Agra), havia por parte do setor letrado da sociedade um anseio que ia na contramão dos hábitos de uma sociedade com “fortes traços rurais”, sendo esta cultivadora de “vivências herdadas e aprendidas”. Neste dado momento, este setor colocava-se a favor da construção de um “Mercado Público”, no intuito de modernizar a feira, que teoricamente estaria “enfeando”¹⁹ a cidade. Todavia, mesmo diante da construção do mercado, grande parte da feira continua nas ruas, não sendo colonizada pela racionalidade imposta por aquilo que já configurava-se como circuito superior.

Durante o Fórum de Salvaguarda da Feira Central, o poeta Jessier Quirino decidiu aludir a um episódio de sua vivência na feira, onde havia na época um debate sobre a implantação de placas informativas. Ele destaca a seguinte colocação de uma feirante: “Não bote placa, porque o povo que come tripa não sabe ler!”. Analisando esta colocação, podemos chegar mais uma vez à identificação de uma dissonância entre os anseios de um mundo já colonizado pelo sistema e a realidade de um mundo vivido, portador de tradições²⁰.

19 Termo utilizado por um dos entrevistados, referenciando a forma com que os modernistas campinenses descreviam a feira livre em meados do século XX.

20 Para Harvey (1992, p. 56-57), a pós-modernidade é [...] um modo particular de experimentar, interpretar e ser no mundo e a preocupação pós-moderna repousa muito mais nas aparências superficiais do que com as raízes. Em entrevista, o **Professor** falou sobre essa preocupação com o desinteresse por parte da população em relação à cultura. O resultado disso é uma desconexão com o tempo, tendo em vista a supervalorização do presente e o esquecimento do passado.

Está claro que, pelo menos, desde a primeira metade do século XX, a feira – sendo um ponto de encontro entre o rural e o urbano²¹ – é objeto de disputa para o ideário moderno. Contudo, vivemos hoje numa outra etapa mais voraz da modernidade, e, ainda assim, “[...] com a presença dos supermercados, hipermercados e varejões é impressionante o quanto as feiras livres permanecem cada vez mais vivas na rede urbana.” (CARNEIRO, 2014, p. 48).

Neste sentido, o mundo vivido triunfa sobre a pós-modernidade, mas não sem ter fragmentada pelo menos uma parcela de sua identidade. Afinal, os feirantes da Feira Central de Campina Grande queixam-se de uma drástica queda no “movimento” na década de 1980, e este trabalho preocupa-se em propor que este marco seja pensado como um grande ponto de inflexão coordenado pelos processos²² advindos da modernidade tardia:

Isso evoca a mais difícil questão sobre o movimento pós-moderno: o seu relacionamento com a cultura da vida diária e sua integração nela. [...] **Nem sempre é claro quem está influenciando quem no processo.** (HARVEY, 1992, p. 62. Grifo nosso).

Atentos a tal observação, prossigamos para a próxima etapa de nossa reflexão, onde buscaremos dar um enfoque à perspectiva dos feirantes enquanto sujeitos partícipes (e protagonistas) da construção do espaço vivido²³.

Queremos crer que o projeto de salvaguarda consiste em tornar possível que a multiplicidade de técnicas sejam preservadas enquanto fator que possibilita a autonomia e o sustento de mais de 4.400 famílias. **A existência da feira é, sem dúvida, a perpetuação da existência de múltiplas histórias**, tendo em vista a globalização como promotora da unicidade técnica (SANTOS, 2019).

21 De acordo com Andrade (1987, p.138), conforme citado por Carneiro (2014, p. 45).

22 A palavra “processos” é muito utilizada neste trabalho por conta de nossa preocupação em entender a partir de quais elementos surge a identificação por parte dos feirantes da década de 1980 como um momento de desconexão de parte da sociedade com a feira livre. Desta forma, intencionamos ir além do objeto de pesquisa propriamente dito.

23 A feira livre constitui-se como espaço onde [...] utiliza-se amplamente do acervo de padrões de interpretações que os agentes sociais possuem em seu mundo vivido, partilhado intersubjetivamente. (CARNEIRO, 2014, p. 46).

3.1 O processo de globalização de acordo com os portadores do saber-fazer.

A partir de análise dos questionários, podemos afirmar que os feirantes desejam melhorias estruturais no espaço da feira. Sendo assim, seria correto concluir que a pós-modernidade (o circuito superior) ganhou a disputa? Sim e não. Como afirma Santos (2019, p. 20), as “[...] bases técnicas poderão servir a outros objetivos”. Melhorias estruturais não significam necessariamente uma mudança na estrutura do sentimento, até porque o discurso sobre essas “melhorias” está em voga na sociedade campinense desde o início do século XX.

De acordo com Harvey (1992, p. 47), entretanto, “[...] poucas dúvidas pode haver quanto ao alcance da mudança ocorrida na “estrutura do sentimento” nos anos 80”. Neste sentido, a pós-modernidade aparece como uma modernidade desmascarada; domesticada²⁴. Sendo assim, percebamos o espaço da feira central como um palco de micro-disputas, tanto internas quanto externas, ambas inseridas no contexto do glocalismo, onde na verdade dificilmente fica claro quem está influenciando quem.

O discurso dos feirantes rememora as diversas reuniões sem resultados que aconteceram com o poder público. No próprio Fórum de Salvaguarda, poucos se fizeram presentes. Há um grande paradoxo quando exclamam que “a maior dificuldade do feirante é ser ouvido”, mas não procuram estabelecer diálogo com os representantes políticos, muito embora seja perfeitamente compreensível²⁵. Antes de chamar os feirantes, o que o poder público precisa fazer de fato é ir até eles. É imprescindível a participação dos feirantes no processo de elaboração do plano de salvaguarda, pois só assim será possível esperar que se crie um plano contemplador, que ajude mais do que atrapalhe. Afinal, o Estado está atrelado diretamente ao mundo do sistema, que opõe-se ao mundo vivido, como explica Carneiro (2014, p. 27):

24 De acordo Harvey (1992, p. 47. Grifo nosso), o ponto de partida da pós-modernidade é o momento em que [...] comercialização e **domesticação** do modernismo e de uma redução das aspirações já prejudicadas deste a um ecletismo de mercado “vale tudo”.

25 [...] o Estado, além de permitir que a economia siga seu “fluxo natural”, comumente **fornece apoio às grandes empresas do circuito superior**. (CARNEIRO, 2014, p. 63. Grifo nosso).

Assim, os circuitos de fluxos socioespaciais se dividem e se articulam por dois conjuntos macros de variáveis, as do **mundo do sistema** e aquelas ligadas ao **mundo da vida**. No primeiro caso, tem-se sobretudo variáveis ligadas ao mercado/economia/dinheiro e ao Estado/poder e, no segundo, um grupo de variáveis vinculadas à cultura, à personalidade, às subjetividades, à identidade e à sociedade, mediadas pela linguagem.

Para entendermos os anseios intrínsecos à feira (mundo vivido), primeiro temos que entender quem são os feirantes (sujeitos partícipes do mundo vivido). De acordo com informações obtidas a partir de falas do **Administrador** da feira, sabemos que existem cerca de 4.400 pontos de comércio registrados, numa área de 75.500 m²: *“Se nós temos 4.400 pontos, multiplique por dois. Fora os ambulantes, que não existe o cadastro. Fora feira de troca-troca, ou feira de troca, como fala, porque tem produtos informais, produtos que não tem liberdade de trabalhar lá dentro. São aquelas pessoas que pegam frete, os cabeceiros. Então, se a gente for olhar todo esse contexto, só ali na Feira, num território de aproximadamente 75.000m², são 10.000 pessoas. Por que além dos comerciantes e de tudo isso que nós já falamos, a gente não se depara, porque a gente vê só o comércio que os nossos olhos estão ali à vista, mas a gente não se depara com os moradores, do primeiro, segundo, terceiro e até quarto andar.”*

Tendo em vista o aprofundamento deste panorama, recorramos às informações assinaladas em nossos questionários: em sua maioria homens e mulheres entre seus 40 e 60 anos, essas pessoas, em grande parte, não escolheram a feira, mas a própria feira às escolheu. O negócio na Feira é, majoritariamente, uma tradição de família; hereditária. A maioria das pessoas que trabalham lá hoje, receberam essa oportunidade de seus familiares. Entretanto, constatamos ausência de jovens feirantes. Ou seja: os filhos dos feirantes provavelmente não têm incentivos para buscar seu sustento na feira, como era antigamente. Afinal, como também podemos observar nos resultados dos questionários, desde que começaram a surgir shoppings e supermercados em Campina Grande, nos anos 80, o movimento na feira caiu cerca de 80% desde então, dizem os feirantes.

Os feirantes reconhecem a dificuldade que os seus clientes enfrentam por falta de estacionamento, falta de espaço para locomover-se dentro da feira, falta de higiene em algumas vias, falta de sinalização, e falta de organização em geral. Em outras palavras, falta na feira a “modernização” a qual Filho (2006) se refere em seu texto “A cidade desejada: Campina Grande, imagens e histórias”. Como aponta a **Coordenadora** em uma de suas falas, “*Reformas que aconteceram foram reformas paliativas.*”

A maioria dos feirantes questionados qualificou a estrutura da feira como *péssima*. Esse resultado vem à tona mediante comparação com os grandes supermercados. Através da realização do inventário, foi possível verificar que há iluminação, saneamento (embora precário), cobertura em alguns lugares, serviço médico, seguranças, banheiros, lixeiras, ventilação e pontos de acesso amplo. Porém, com muitos obstáculos, a exemplo de carroças, motocicletas e ambulantes. Além disso, não existe sinalização. No sábado, dia mais movimento, se torna bastante difícil andar na feira e as vias ficam bastante obstruídas.



Fotografia 5: A motocicleta no contexto da feira (2018).
Fonte: Acervo Pessoal.

Ainda de acordo com nosso questionário, constatamos que a maior parte dos clientes da feira vem da zona rural e das cidades adjacentes. Isso reforça um pouco a tese de que a falta de modernidade está reduzindo a clientela, se pensarmos a zona rural como um espaço onde os costumes tendem a mudar mais lentamente (HOBSBAWM, 1984, p. 20).

Dizer que a Feira Central de Campina Grande se encontra em risco de extinção pode ser uma hipérbole, apesar disso, de acordo com as informações obtidas por esta pesquisa, ela encontra cada vez mais obstáculos: culturais, econômicos, estruturais e sociais. Um desses obstáculos é descrito pelo **Administrador** em uma de suas falas: *“Dizem que o poder público muitas vezes continua superatualizado, porque quando começa a encher as calçadas que tem aqui na Floriano Peixoto, “tira esse pessoal!”. Tira, mas coloca onde? Leva pra Feira. Então, a Feira é como se fosse um coração de mãe, que sempre acolhe. Agora, que tipo de acolhida é essa que vem fazendo que lá na frente ela venha causar esse transtorno e esse inchaço que tá hoje.”*

A Feira é um lugar que atrai, em grande medida, a população carente, em busca de sobrevivência, muito embora não tenha estrutura para suportá-las dentro dos moldes estabelecidos pela modernidade. Como afirma o **Professor** em seu discurso: *“a gente tem que olhar para dimensão econômica da Feira. Hoje nós temos uma situação muito ruim no Brasil. Hoje 25% da população economicamente ativa está desempregada. Isso é um absurdo! É um absurdo completo. Nós temos ¼ da nossa população economicamente ativa sem emprego.”*

A maioria dos feirantes, quando questionados sobre aspectos positivos da feira, responderam com a palavra “sobrevivência”. O interesse imediato dos que trabalham na feira é o de sobreviver²⁶ através dela:

Neste processo, um embate entre um mundo vivido, a feira, que luta para se auto reproduzir, materialmente e simbolicamente, e, de outro, o mundo do sistema que só reconhece a instrumentalidade das formas comerciais como prioritárias. (CARNEIRO, 2014, p. 51).

Apesar da falta de estrutura, a feira abriga e oferece algumas condições, que permitem a essas pessoas se inserirem na sociedade por meio da cultura e do próprio comércio, que constitui uma atividade econômica e cultural ao mesmo tempo. Existem iniciativas presentes na Feira Central que acolhem as crianças, filhos de “profissionais do sexo”, como afirma a **Coordenadora** durante a entrevista: *“Existe um projeto que*

²⁶ A feira constitui-se como estratégia de sobrevivência e reprodução da vida. A feira é antes reprodução da vida do que reprodução das coisas.

foi elaborado com a participação da (inaudível), para trabalhar com as “profissionais do sexo”. Os filhos desses “profissionais do sexo” e também outras crianças do entorno, eles desenvolvem projetos muito bons com o Tamanquinho das Artes, que é coordenado pela professora Eneida Agra Maracajá, através da fundação Solidarium.”

É fundamental visualizar importância da Feira através da compreensão de que economia e cultura são dois lados da mesma moeda; um sustenta o outro no contexto da Feira. A queda de freguesia como resultado das transformações trazidas pelo tempo fundamenta novas dinâmicas no espaço, ao mesmo tempo que o contexto cultural vivenciado pela Feira e pela sociedade como um todo dita a dinâmica da economia. De acordo com Barros (2010), o mundo da Cultura é parte integrante do “modo de produção”. O próprio conceito marxista de classe social é determinante no que se refere à cultura e tem sua origem em fatores econômicos. Seguindo este raciocínio, queremos trazer a ideia de que interferências mútuas ocorrem entre as duas áreas.

Os alcances da entrevista foram amplos no que se refere à informações, contudo muitas delas não foram inseridas pois precisariam de um maior aprofundamento, a ser concebido a partir de futuras publicações. Alcançamos os feirantes através dos questionários e das visitas de campo, e alcançamos setores da administração e salvaguarda da feira também, explorando tópicos como: obstáculos, papel da prefeitura, o futuro da feira e a importância de sua salvaguarda.

De acordo com a entrevista, visitas de campo, conversas informais com os feirantes e nossa própria vivência no espaço, o futuro da Feira como objeto que expressa a identidade do campinense “*depende de pessoas interessadas*”²⁷, como afirma o **Administrador**. Diante de um diagnóstico que aponta para o enfraquecimento da simbologia da Feira na visão da sociedade campinense, parece correto afirmar que o poder público e a Prefeitura têm um papel fundamental (pelo ponto de vista dos entrevistados) na proteção e estímulo deste elo, promovendo

27 Stuart Hall (2006) escreve sobre a identidade em declínio, colocando em risco a ligação do sujeito com a sociedade, definindo identidade como aspecto derivado do “pertencimento”.

melhorias estruturais (tão desejadas pelos feirantes) e incentivando projetos culturais que mantenham a fagulha sempre acesa, divulgando a Feira para a população, a exemplo de oficinas de cordel, que já são desenvolvidas, de um periódico chamado “Casos da feira” que também já está sendo elaborado para – de acordo com a **Coordenadora** – divulgar os feirantes, e oficinas totalmente direcionadas aos feirantes no intuito de *“melhorar a produção dos utensílios que serão vendidos”*.

Alguns feirantes demonstram querer espelhar as formas geométricas perfeitas, tipos modernos de troca (cartão de crédito²⁸) e a higienização da modernidade, mas talvez essa não seja a única saída. Afinal, uma modernização negligente – imposta a partir do sistema – pode até trazer a “freguesia” de volta, contudo, vilipendiará a própria essência da mesma como repositório da continuidade histórica, e é justamente aí que está a importância de se criar o Comitê Gestor, que deverá trazer uma mudança promovendo diálogo entre os mais diversos setores da feira, poder público e instituições civis.

Se pensarmos o fator econômico da feira como o sustentáculo das práticas culturais que a envolvem e são envolvidas por ela (estamos falando de uma interferência mútua novamente), é possível tentar entender a modernização dos canais de troca como uma forma de assegurar, de certa forma, a perpetuação destas muitas histórias, provenientes justamente da conexão com imaterialidades produzidas organicamente, na práxis que o lócus simbólico (imaterial) construído cotidianamente proporciona, tendo em vista que a memória tem conexão profunda com o patrimônio:

Compreender a preservação do patrimônio é conhecer a história e a memória suscitadas a partir de lembranças evocadas pela existência desse patrimônio, e a preservação dos chamados lugares de memória, devem possuir um

28 Quando questionados sobre os fatores aos quais atribuem a queda do movimento, os feirantes sempre mencionam a falta do uso do cartão de crédito, que é uma prática atrelada ao circuito superior. No evento “Bom é na Feira” (31/05/2018), a Prefeitura de Campina Grande realizou uma parceria com a Visa para a implementação do cartão de crédito na feira. Objetivamente, isto faz parte da colonização do circuito inferior por parte do circuito superior. Contudo, mais uma vez atentemos para o fato de que a feira reproduz práticas do circuito superior, em alguns casos, mas o faz como estratégia de superação do mesmo. Ainda assim, é preciso destacar que praticamente não houve presença dos feirantes no evento. Então há, no discurso dos feirantes, o reconhecimento da proeminência dessas práticas modernas em relação à sociedade, mas, na prática, ainda não existe um movimento generalizado destes feirantes em torno da modernização.

sentido para a coletividade, ou seja, o patrimônio histórico deve ter um papel social (...) (ROLIM, 2013, p.9).

No próximo setor deste capítulo, lançaremos um olhar sobre registros iconográficos da Feira Central de Campina Grande do fim da década de 1970 – beirando os anos 1980 – descrita pelos feirantes como o período em que a feira perdeu muitos sujeitos pertencentes. Faremos, na medida do possível, o cruzamento das informações até aqui discutidas no intuito de, finalmente, colocar a questão da memória em evidência – buscando uma análise ampla dos elementos a nós oferecidos pelo registro visual, sejam eles subjetivos ou objetivos.

3.2 A feira vista e entrevista: um passeio pelo campo sem limites da imagem.

“Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época.” (KOSSOY, 2014, p. 40).

Em meados do ano de 1978, Roberto Coura iniciou o trabalho de documentação da Feira Central de Campina Grande a partir de uma compreensão de que aquela parte da cidade era, entre todas as outras, a maior merecedora de um vasto ensaio, tendo em vista sua importância social para a região.

Na apresentação que faz em sua publicação impressa de 2007, Coura relata sobre como foi este longo processo²⁹, que levou mais de seis meses:

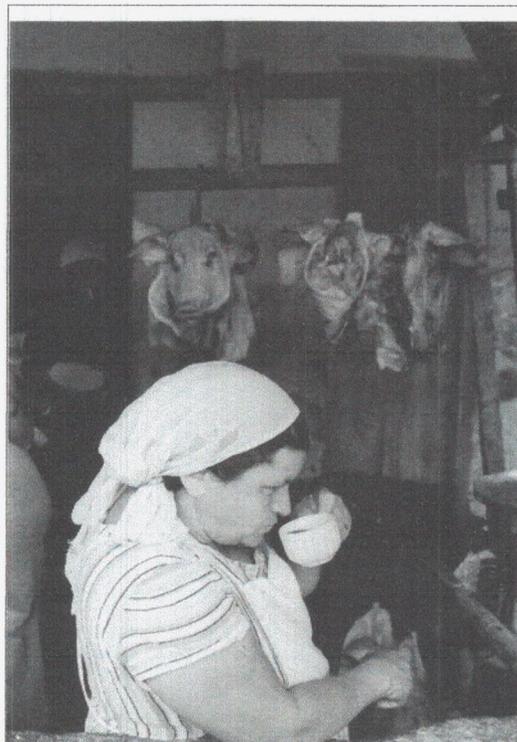
A cada dia, a cada ida ao meu local de trabalho, a espacialidade imaginária tornava-se concreta. A cada bobina de filme exposto, a vontade louca de correr para o laboratório, para saber se o caminho era mesmo aquele, se estava certo. A preocupação com o social exigia cuidado e rigor expressivo: havia sempre o risco da pieguice, do preconceito.

A primeira versão de seu trabalho foi exposta em 05 de maio de 1979, no Museu de Artes de Campina Grande, e, como relata Coura, **os feirantes se fizeram presentes**, tanto porque a fotografia apresenta a possibilidade do encantamento, quanto porque Coura também se fez presente no cotidiano da feira. No espaço da feira, Coura aparece portando de intencionalidades que conversam com o circuito inferior;

²⁹ É interessante pensar sobre a própria evolução da técnica, que faz parte dos avanços tecnológicos trazidos pela globalização. O fotógrafo Coura não tinha acesso de imediato às imagens por ele construídas. O processo de construção (e manipulação) se dava de uma maneira bem menos fluida do que nos dias atuais.

com o mundo da vida. Além da aprovação dos feirantes, tal ensaio obteve o prêmio³⁰ Marc Ferrez de fotografia.

A intenção de Coura com o seu ensaio foi a de transmitir o cotidiano³¹ da feira central, enaltecendo-o da forma mais natural possível. Para isso, buscou inserir-se nesse cotidiano com um método voltado para a participatividade, bastante parecido com o usado pelos antropólogos ao estudarem grupos humanos. A fotografia abaixo é bastante representativa no que se refere a atitude dos feirantes em relação ao fotógrafo, que em determinados momentos, passaram a não se importar com a presença das lentes.



Fotografia 6: Cafezinho (1978). Fonte: Coura (2007).

³⁰ Com concorrência a nível nacional, tem como objetivo “estimular a reflexão e a experiência artística, além do compromisso com a formação de público, com a inclusão social e a sustentabilidade”. Disponível em: <<http://portais.funarte.gov.br/artes-visuais/divulgados-os-selecionados-do-premio-funarte-de-arte-contemporanea-2014/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

³¹Cotidiano como sinônimo do mundo vivido, construído pelas pessoas a partir de uma relação efetiva com a produção deste mundo. É o comum diário.

Sabemos, portanto, que por maior que seja o esforço, o fotógrafo sempre fará um recorte. Uma fotografia não é capaz de abranger uma totalidade, mas um fragmento, escolhido a partir do olhar fotográfico. Da mesma forma que o fotógrafo lança um olhar, posicionado atrás da câmera, os sujeitos que estão sendo fotografados também o lançam, e, desta forma, os olhares se cruzam, concedendo a fotografia mais um elemento encantador. A multiplicidade de olhares presentes nas fotos de Coura, podem ser, sem dúvida, parte de nosso objeto de análise, assim como a displicência da mulher tomando seu cafezinho, rodeada de cabeças de porco; confortável em relação ao lugar ao qual ela definitivamente pertence, pois o lugar também é pertencido por ela.

Seria possível observar este tipo de atitude por parte de um funcionário de uma grande cadeia de supermercados? Ou até mesmo por parte de um funcionário do mercadinho da vizinhança? Provavelmente, não. Estes que foram citados estão interligados em grau mais elevado às demandas globais, esquemas modernizantes; aceleradores, que priorizam a instrumentalidade das formas comerciais em detrimento da reprodução da vida, da cultura, do verdadeiro respeito à subjetividade, e assim por diante. Sendo assim, além de lugar de trabalho, a feira também se estabelece como um lugar de ócio, lazer e prazer (ARAÚJO, 2006, p. 106)

A partir das relações interpessoais, a feira se constrói, diferente de um shopping center, por exemplo, onde o consumidor (termo adequado ao capitalismo) nem sabe de quem está comprando o produto. Não se compra de uma pessoa, mas de uma grande empresa que aglomera diversas outras empresas, aglomerando pessoas em relações frias e impessoais, que impedem que haja uma verdadeira apropriação por parte delas em relação às suas práticas diárias. O indivíduo, assim, não é soberano sobre si mesmo. Araújo (2006, p. 82) em sua pesquisa recolheu discursos de diversos feirantes, fregueses e demais pessoas atreladas à feira. Uma dessas pessoas profere a seguinte frase sobre as relações sociais vigentes na feira: “[...] é criado aquele vínculo de amizade que você não encontra em supermercado. Supermercado você pode até

encontrar funcionários, mas só que a rotatividade é muito grande, então você as vezes tem aquela pessoa que te atende bem e aquela pessoa é trocada [...]”.

Hoje em dia, como visto anteriormente neste trabalho – de acordo com informações dos questionários – as pessoas mais jovens, imersas com mais intensidade na mentalidade moderna (também discutida anteriormente por nós) apresentam uma certa rejeição a feira. Do mesmo modo, a maior parte dos feirantes questionados disse que não desejavam que seus filhos e netos seguissem o mesmo ofício. Este desejo de continuísmo não se verifica, como também foi percebido por Araújo (2006, p. 65).

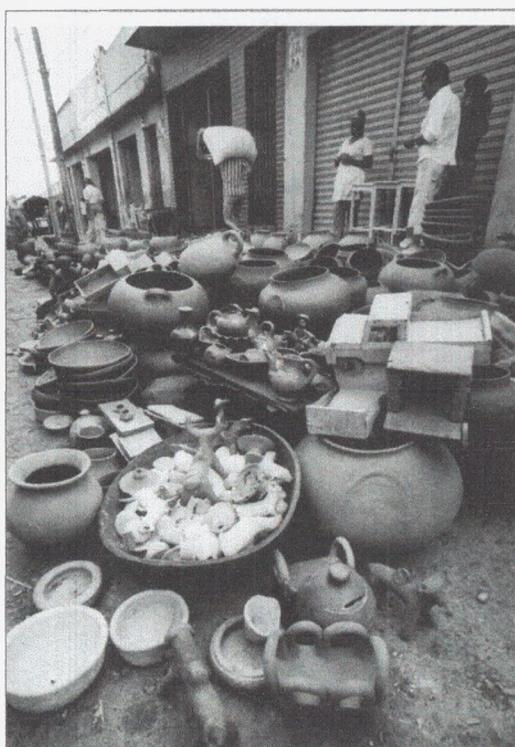


Fotografia 7: Jovens feirantes negociando frutas e verduras (1978). Fonte: Coura (2007).

Dadas as dificuldades financeiras descritas pelos feirantes em decorrência da falta de movimento, o continuísmo representado pelo testemunho visual acima dificilmente poderá ser testemunhado nos dias atuais. Nesta imagem, os jovens feirantes estão reproduzindo modos tradicionais de compra e venda, provavelmente herdados de seus familiares. O que vemos nesta imagem é a prática do encontro

humano, da troca de olhares significativos entre ambas as partes; da informalidade. Existe aí, possivelmente, uma certa cumplicidade entre feirante e “freguês”. Como coloca Carneiro (2014, p. 36),

[...] a relação face a face na feira livre é a marca central desta atividade [...] o feirante bem como o seu cliente, na maioria das vezes, tem que negociar o preço do bem comercializado, utilizando-se, para tanto, do agir comunicativo, ou seja, um tipo de ação em que as pessoas orientam seus planos para um entendimento mútuo sobre algo em seus mundos.



Fotografia 8: Utensílios artesanais sendo comercializados na Feira de Campina Grande (1978). Fonte: Coura (2007).

É certo que fotografia acima não pode deixar de ser vista como um fragmento, limitado pelas lentes da câmera e pela manipulação do fotógrafo. Apesar disto, esta imagem representa sim uma feira que, pouco mais de 30 anos atrás limitava-se à venda de frutas, verduras, legumes, produtos artesanais para uso domiciliar, etc. Hoje em dia, como verificado na fotografia trazida abaixo, existe uma ampla penetração de produtos industrializados, os quais não são produzidos dentro da feira – muito embora ainda seja bastante comum na feira a presença de objetos artesanais.



Fotografia 9: Utensílios para uso domiciliar. Fonte: Acervo Pessoal (2018).

Contudo, apesar dos impactos percebidos através deste passeio possibilitado por nossa breve interpretação iconológica, ainda é possível captar a Feira Central de Campina Grande como um local de resistência, tendo em vista que abriga milhares de feirantes que continuam mantendo essas práticas, mesmo que não desejem repassá-las aos seus filhos – coisa que ocorre por questões de sobrevivência³² num mundo em processo de colonização pelo sistema. Desta forma,

[...] a globalização aparece, neste caso, como fabulação, engodo, não apagando, assim, as formas de resistência identitárias de uma parcela humana que vive frequentemente na base de atividades formadoras do circuito inferior. (CARNEIRO, 2014, p. 27).

Tendo em vista toda a discussão proposta por este trabalho, a feira é ainda um local que inspira criatividade, diferentemente do modo de produção de mercado pós-industrial – com projeção em escala planetária – que quebra o indivíduo e o torna parte de um coletivo abstrato, uniformizando as relações, recriando o mundo de acordo com sua imagem e semelhança. Dito isto, é impossível negar, diante do testemunho visual, a penetração de produtos e técnicas provenientes do circuito superior. É importante, contudo, salientar que esta penetração se dá materialmente e imaterialmente a partir da

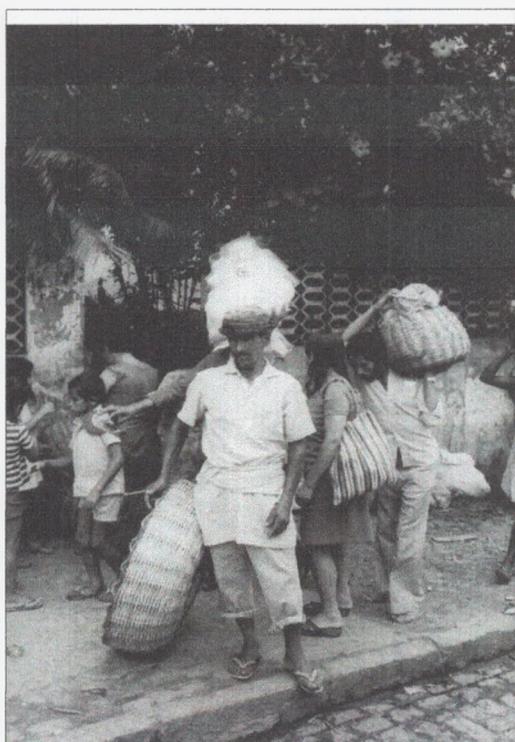
³² O circuito superior ocorre fora da cidade e da região que os abrigam e tem por cenário o país e o exterior. **O circuito inferior, formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é, ao contrário, bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região.** (SANTOS, 1979, p. 16. Grifo nosso).

necessidade dos feirantes de adaptarem-se às demandas globais, reproduzidas amplamente pela população, que ainda é, em proporções cada vez menores, clientela da feira.

Nesse sentido, a noção de rugosidade proposta por Santos (1979) tem também um papel fundamental no que se refere à identificação de práticas sociais que, embora em situação de precariedade, resistem às variadas transformações do espaço que ocorrem ao longo do tempo:

Santos associa o estudo das rugosidades ao estudo da paisagem, que sob efeito das dinâmicas modernizantes passa a conter as múltiplas e novas camadas que são produzidas pelas forças inovadoras. Essas camadas são gradativamente mais comprimidas e geradas em número cada vez maior, porém ainda que esse processo seja agudo, [...] as rugosidades não são eliminadas. (SABINO, 2013, p. 189).

O tempo e as inovações, então, criam sucessivas camadas que sobrepõem-se umas as outras, e que são, por si só, testemunhos da formação de um dado espaço ou fatores sociais, assim como os anéis de crescimento da árvore são testemunhos das condições externas que se internalizam a ela com o avanço das conjunturas. Isto é, rugosidade é tudo aquilo que permanece, e, atentos a isso, podemos identificar as diferentes variações, seja no campo das técnicas de produção ou da própria sociabilidade.



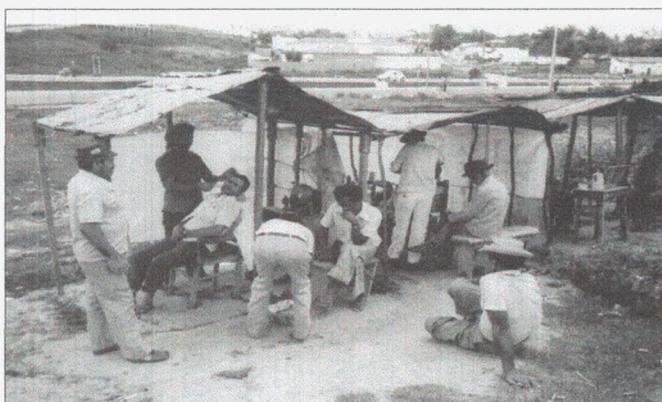
Fotografia 10: “Balaeiro” (1978). Fonte: Coura (2007).

Na fotografia acima, por exemplo, vemos um exemplo de registro visual que não pode ser reproduzido por nossas retinas atualmente ao visitar o espaço da feira. No centro da imagem, trajando o tradicional chapéu feito de bola de couro, está um balaieiro³³ que figura hoje em dia na memória coletiva daqueles que frequentavam a feira central. A substituição dos balaieiros pelos carroceiros é lembrada³⁴ como um dos diversos elementos que vieram a descaracterizar, em parte, a feira central.

Apesar deste saudosismo em relação aos personagens que o tempo evanesceu, como colocado anteriormente, desde pelo menos a década de 1930, já haviam discursos, por parte dos intelectuais da época, que se colocavam não necessariamente contra a feira:

[...] a cultura não deve ser vista de forma dicotômica, o popular e o letrado [...] interagem mutuamente para que se mantenham sólidas [...] pois a diferença só é possível se houver referencial para comparação. (ARAÚJO, 2006, p. 28-29).

Muito embora, na verdade, a posição discursiva do letrado em alguns casos acabasse favorecendo os elementos do circuito superior em detrimento do inferior, reforçado pela cultura popular – sem estabelecer uma relação dicotômica direta com a cultura popular; esta relação dicotômica é estabelecida e fomentada pela cultura de massas.



Fotografia 11: "Pela-porco" (1978). Fonte: Coura (2007).

33 Responsável pela condução das mercadorias dos “fregueses”, muitas vezes levando-as no topo de sua cabeça – por isso, o uso do chapéu de couro característico.

34 Araújo (2006) veicula o discurso de diversos entrevistados sobre a feira central. Dentre eles, um reclama da substituição dos balaieiros pelos carroceiros, afirmando que isto é parte da decadência da feira.

A fonte iconográfica acima transporta a nós do presente a figura dos barbeiros do “Pela-porco”. Este termo foi fomentado pelos grandes salões da cidade, que “botavam olho grande” na ampla demanda atendida pelo serviço acessível destes cabeleireiros populares, como é rememorado pelos feirantes. Santos (1979, p. 16) destaca: “o circuito inferior, formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é, ao contrário, bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região”.

Em virtude das análises contextuais acima dispostas, é pertinente destacar que o alargamento destes contextos vem acontecendo na medida em que, primeiro, a feira enfrenta o discurso erudito, e, mais tarde enfrenta um discurso alicerçado na ideologia do consumo, subordinado à mercadificação e ao mercado, que em sua falta de profundidade, despreza a história, tendo em vista seu caráter altamente instantâneo e predatório, que produz uma série de ressignificações no campo do sentimento; que objetiva devolver o homem à condição primitiva do cada um por si – estabelecendo assim, uma fragmentação do mesmo e o enfraquecimento das correntes de solidariedade, possibilitadas por lugares como a Feira Central de Campina Grande.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão dos horizontes...

A possibilidade que se apresentou a nós enquanto pesquisadores para desenvolver este estudo em duas etapas – primeiro, em contato direto com a feira livre; segundo, em contato com as fotografias de Roberto Coura – por si só já carrega certos significados. Se foi possível conduzir parte da pesquisa *in loco*, significa que, apesar de todo o antagonismo sofrido, ainda há apropriação do espaço, e, sendo assim, ainda é possível que se construam relações com um certo grau de liberdade, intrínseco ao modo de produção e reprodução das atividades humanas relacionadas às tradições e costumes locais.

A Feira Central de Campina Grande está viva, cravada no seio da cidade, inspirando ações por parte de diversos setores da sociedade, como a academia e o poder público, e também abarcando economicamente grande parte dos trabalhadores autônomos da região, oferecendo condições, ainda que cada vez mais precárias, de reprodução simbólica do mundo da vida, que discutimos anteriormente. Como lembra Carneiro (2014, p. 47), as feiras, assim como outros lugares, que se constroem de forma – argumentativamente – independente em relação ao circuito superior, inegavelmente têm visto seus contextos sendo ampliados. Isto é, estes lugares não se relacionam mais apenas com o seu entorno, como destaca um dos “fregueses” entrevistados por Araújo (2006, p. 81): *“era uma feira mais original, onde tinha muitos cavalos que vinham dos sítios e as frutas e verduras era toda nossa, da periferia”*. Na atualidade, a feira está envolvida por interações espaciais cada vez maiores.

A natureza destas interações é atualmente vista por nós como perversa, se considerarmos a imposição predatória que se faz de cima para baixo, do mundo do sistema para o mundo da vida. Contudo, isto não significa que coisas boas não possam sair disso, e que a cultura popular não possa lograr vitórias – estando forte na disputa. Com o amadurecimento das crises deste capitalismo tardio, o povo começa a compartilhar descrédito em relação ao discurso das forças hegemônicas:

A partir dessas metamorfoses, pode-se pensar na produção local de um entendimento progressivo do mundo e do lugar, com a produção indígena de imagens, discursos, filosofias, junto à elaboração de um novo *ethos* e de

novas ideologias e novas crenças políticas, amparadas na ressurreição da ideia e da prática da solidariedade. (SANTOS, 2019, p. 167-168).

Esse novo *ethos* descrito por Milton Santos passa, necessariamente, pela “refortificação” do sujeito, através do que o autor nomeia de “expansão de consciência”, que envolve a superação do consumismo. Este momento da história é apenas uma fase, que há de ser superada assim como tantas outras foram. A necessidade obsessiva de normas, sem dúvida, causa mal-estar no corpo social, que evidentemente produz uma série de “anticorpos”; resiste; permanece.

O olhar atento à Feira Central de Campina Grande e aos contextos que a cercam e a cercaram nos conta bastante sobre a história de nossa cidade, sobre a cultura do nosso povo e sobre os processos globais – passando por suas causas, e principalmente efeitos – que independem dela para continuar existindo:

Tais raciocínios autorizam uma visão crítica da história na qual vivemos, o que inclui uma apreciação filosófica da nossa própria situação ante a comunidade, a nação, o planeta, com uma nova apreciação de nosso próprio papel como pessoa. É desse modo que, até mesmo a partir da noção do que é ser um consumidor, poderemos alcançar a ideia de homem integral e de cidadão. Essa revalorização radical do indivíduo contribuirá para a renovação qualitativa da espécie humana, servindo de alicerce a uma nova civilização. (SANTOS, 2019, p. 169).

A partir do amadurecimento metodológico e teórico proporcionado por este trabalho que, se considerarmos o primeiro contato com o tema, está sendo pensado há pouco mais de um ano, pretendemos alcançar uma aproximação maior com feirante, com suas práticas, suas representações acerca do cotidiano construído, trazendo maiores discussões acerca dos sentidos da tradição, do patrimônio³⁵, e buscando uma maior aproximação com as fontes iconográficas, que muito têm a nos dizer, como já bem vimos. Buscaremos também direcionar nossos questionamentos às nossas fontes levando em conta tudo o que foi discutido neste trabalho, bem como questioná-las diretamente sobre os eventos que se sucederam, ecoando na escala local a partir deste recorte “descoberto” por nós (década de 1980).

35 “Na medida em que estudamos o campo do patrimônio percebemos como ele se constrói como uma arena onde os agentes culturais, as instituições governamentais e não governamentais disputam espaço e poder a partir de suas ações.” (PEREGRINO; BATISTA, 2017, p. 8).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. M.; SANTOS, M.F. S. (Org.) . Diálogos com a Teoria da Representação Social. 1. ed. Recife: UFPE e EDUFAL, 2005. v. 1000. 230p.
- ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. Múltiplos Discursos Sobre a Feira de Campina Grande. Campina Grande: Agenda, 2006. 168p.
- BARROS, José D'Assunção. O Campo da História – Especialidades e Abordagens. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BARROS, José D'Assunção. Os conceitos: seus usos nas ciências humanas. Petrópolis: Vozes, 2016.
- BOSI, Ecléa, Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias, Petrópolis: Vozes, 1973.
- BURKE, Peter. História e teoria social. 2. ed. aum. São Paulo: Editora UNESP, 2012. 339p.
- CANCLINI, Néstor García. Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. 283p.
- CARNEIRO, R. N. Circuito INFERIOR E FLUXOS SÓCIOESPACIAIS: A FEIRA LIVRE DE PAU DOS FERROS – RN. Mossoró-RN, 1 Ed. Offset Editora, 2014.
- COURA, Roberto. A Feira de Campina Grande. Campina Grande: Editora Universitária/UFCG, 2007.
- FILHO, Severino Cabral. A cidade desejada: Campina Grande: imagens e histórias. In: SOUZA, Antônio. et. al. (Orgs.) Cultura e Cidades. Campina Grande: EDUFAL, 2009. p. 40-55.
- FERREIRA, Dennis Cláudio. Representação Socioespacial Como Expressão de Territorialidade: o Caso da Feira Central de Campina Grande – PB. Trabalho de Conclusão de Curso. UFCG, Centro de Humanidades, 2013.
- GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.. Brasília: Liber Livro Editora Ltda, 2005. 77p.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992. 349p.

HOBBSBAWM, Eric. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Págs. 9-23.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LEFÈVRE F; LEFÈVRE A. M. C. Discurso do Sujeito Coletivo: Representações Sociais e Intervenções Comunicativas. Texto & Contexto Enfermagem, Florianópolis, 2014 Abr-Jun; 23(2): 502-7.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria. O discurso do sujeito coletivo. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos). Caxias do Sul, RS: Educus, 2003.

MATTOS, Marcelo Badaró. A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. v. 1. 156p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Historia e Historia Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PEREGRINO, Lucas N.; BATISTA, Mércia R. . A FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE (PB) E O CAMPO DO PATRIMÔNIO: disputas por espaço e legitimidade.. In: 1º Simpósio Científico ICOMOS Brasil, 2017, Belo Horizonte. Anais do Simpósio Científico 2017 - ICOMOS BRASIL. Belo Horizonte: Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2017.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. A Feira: o trovado encantado, Campina Grande: EDUEPB, 2011.

ROBERTSON Roland, 1994, «Globalisation or Glocalisation?», Journal of International Communication, vol. 1, n.º 1, pp. 33-52. DOI : 10.1080/13216597.1994.9751780

SABINO, Anderson; SIMÕES, Robson. Geografia e arqueologia: uma visão do conceito de rugosidades de Milton Santos. Revista de Arqueologia Pública, v. 7, p. 174-188, 2015.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SANTOS, Milton. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 9 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – RELATÓRIO DA ENTREVISTA DE GRUPO FOCAL

| | | |
|---------------------------------|----------------------------------|------------------------|
| Severino Cabral | Socorro Duarte | Agnaldo Batista |
| Prof. de Hist. Contemporânea | Secretaria de Ed. Patrimonial | Administrador da Feira |

- **Dados sobre a feira:**
 - 4.400 pessoas;
 - 75.500 m²;
- **Agnaldo Batista (sozinho)**
 - Agnaldo é envolvido em diversas atividades em prol da comunidade (escolinha de futebol, dep. química);
 - Fala sobre o descaso da feira, culpabilizando a falta de engajamento político dos feirantes;
 - Os feirantes ouvem o que é divulgado na TV/rádio, mas não escutam o seu representante por acreditarem que é “manobra política”.
 - Fala um pouco sobre suas ações na mediação de conflitos;
 - Feira das flores, briga de setores da feira mais ou menos favorecidos, etc.

EXPERIÊNCIAS COM A FEIRA CENTRAL

- **Agnaldo**
 - Apresenta-se engajado com a temática do grupo focal e com os integrantes da mesa, dando atenção igual ao entrevistador, ao professor Severino e a Socorro.
 - Começa falando da sua vivência pessoal na feira. Mesmo sem formação superior, diz que foi na feira que foi formado na “Universidade da vida”;
 - Diz que, ao contrário do que é comumente dito, “a feira não é bagunça”;
 - Fala sobre a importância da feira para a cultura campinense.
- **Severino**
 - Apresenta-se apressado, provavelmente devido ao costume de atividades de pesquisa e extensão dentro da universidade e também devido ao calendário corrido;
 - Durante a fala de outros participantes, demonstra pouco contato visual (sinal mais comum de interesse na fala do outro).
 - Foco do olhar normalmente em um ponto fixo distante (pelo menos durante esse primeiro momento);
 - De qualquer forma, mostra-se completamente atento a tudo que é falado, respondendo de acordo;
 - Suas falas, por serem de um acadêmico, eram levadas em alta consideração por todos da mesa e pelo entrevistador.
 - Fala da “fidelidade” para com a feira, sempre comprando nos mesmos feirantes;
 - Fala sobre a sua relação próxima com a feira, mesmo que tenha morado na cidade de Campina Grande há “apenas” 20 anos. Conhece diversos personagens típicos do ambiente.
 - Fala sobre o seu trabalho em CG sobre cultura material;
 - Fala sobre a parte da feira na mitologia de campina grande, com seus próprios personagens caricatos e histórias.

Socorro Duarte

- Disposta mais a escutar o que os outros representantes tinham a dizer, Socorro costumava fazer algumas pontuações e adendos relacionando o que estava sendo dito com a sua experiência pessoal com a feira e com a Secretaria de Educação Patrimonial.
 - Manteve contato visual com todos da mesa, e não apresentou nenhum tipo de mudança na expressão;
 - O foco do seu discurso foi nas histórias famosas da feira e em dados que os outros entrevistados da mesa não apresentavam;
- Filha de ex-feirantes, trabalhava com o pai e a mãe durante a infância/adolescência;
- Comenta que sente saudade da segurança da época (de poder andar na rua, etc);
- Comenta que cursou história;
- Todos assentiram quando eram tecidos elogios sobre a feira (nos outros momentos, as expressões eram bem regulares, rígidas);
- Severino ri quando Socorro fala da burocracia do poder público;
 - Chama feira de “museu vivo de campina grande”.

OBSTÁCULOS

- **Socorro**
 - Fala sobre os problemas de saneamento básico típicos da feira (que causa um aspecto de sujeira, problemas sanitários, etc);
 - Fala também sobre os problemas relacionados à estrutura física da feira;
 - Reclama que a última reforma foi paliativa;

Agnaldo

- Começa dizendo que existem aproximadamente 10.000 pessoas no espaço da feira, fora os circulantes;
- Diz que sempre escolhe a feira, mas esta possui um problema muito grande de espaço.

Discussão sobre o tema levantado “A feira é bagunça?”**Severino**

- Fala de quando era amigo de Dr. Bezerra de Carvalho (1937), colega de pessoas que hoje em dia são nomes de ruas;
- A feira antes era motivo de orgulho em sua concepção;
 - Foi criada como uma forma de inserir a cidade de campina grande no mundo moderno, com um polo de comércio de várias coisas. Hoje em dia muitas dessas coisas foram reduzidas, e são vendidas por lojas especializadas (móveis, artigos de “cama, mesa e banho”, etc).
- Em primeiro momento, era um lugar que gerava uma sensação de encantamento;
- Depois começou a se espalhar a ideia de que a feira está “enfeando a cidade”.
 - Em tom de brincadeira, as pessoas falavam que os campinenses eram acrobatas, de tanto escorregarem em cascas de frutas no meio da feira;
- 1942: “A feira não resolve o problema de campina grande”.

PAPEL DA PREFEITURA**Severino**

- Salienta que acha muito difícil que a prefeitura consiga realizar sozinha alguma reforma, mas que com a ajuda de Bancos ou outras organizações patrocinando, é possível.

Agnaldo

- Aproveita o discurso de Severino e concorda dizendo que nenhuma obra pode ser feita pelo poder público apenas com recursos próprios;
- Adiciona que é também de vital importância a reivindicação dos interessados;
- Demonstra uma posição de validação do que é falado pelo Prof. Severino;

Socorro

- Como dito anteriormente, não costuma tomar a palavra primeiro, mas adiciona informações importantes para complementar o que foi dito anteriormente;
- Para exemplificar como é importante uma reforma no momento, Socorro informa que caso não haja nenhuma, a feira corre o risco de perder o status de patrimônio público.

Agnaldo

- Muda um pouco de assunto para falar que valoriza a inserção da universidade na feira, e vice-versa, porque também aprende mais todas as vezes;
- Socorro concorda com exemplos;
- Aqui Severino começa a apresentar mais sinais de interesse, com expressões mais receptivas e maior contato visual;

● **Severino pergunta a Agnaldo qual é a posição dos feirantes;**

- Agnaldo responde que eles não têm perspectiva, estão desacreditados;
- Procura alguém de boa vontade para com a feira.
- Fala sobre as reuniões públicas que ocorrem periodicamente;
 - Agnaldo e Socorro reclamam da falta da participação dos feirantes nas reuniões;
 - Agnaldo adiciona que a mídia tem o poder de atrair as pessoas para a feira ou para degradá-la, e que ultimamente tem feito o último.

Agnaldo fala sobre a retirada do El-dorado da cidade cinematográfica do PP, afirmando que era uma vergonha para o El-dorado real que estava caindo aos pedaços.

- Nesse momento Severino começa a discordar veementemente. Afirma que é um ato de resistência essa situação do El-dorado real, um “cutucão no poder público”;
- Socorro concorda com Severino;

● **Socorro: “O museu digital não coloca nada da feira”**

- Severino afirma que isso é um claro resultado impacto simbólico da feira, um dos mitos fundadores de CG;
- Severino também fala da falta de preocupação com o patrimônio histórico;

● **Severino cita o exemplo de quando ocorreu a revitalização da estação de trem em museu;**

- Na foto tirada na inauguração, tinha uma senhora moradora de rua junto com a criança do lado de um grupo de políticos que estavam tirando a foto. Na foto original eles apareceram, mas na foto divulgada eles foram cortados, como uma forma de “higienização”;
- Socorro aproveita para falar da 17ª semana dos museus;
- Severino critica a preferência da elite política brasileira pelos museus estrangeiros (Louvre, o caso de Notre Dame)
 - Último presidente que visitou o museu nacional foi JK;

● **Socorro comenta que o jogador Hulk ganhou esse nome porque carregava muita carne nas costas na feira de campina grande, por isso esse apelido;**

● **Agnaldo comenta sobre a tragédia da combinação dos problemas políticos com os problemas de adaptação e injustiça;**

Severino

- A exceção seria para cortar o cabelo nos famosos “pela poico” da feira, mas mesmo isso tem sido substituído pela nova moda de barbeiros;
- Fala que os jovens não vão mais à feira, não é mais um ambiente típico para reunião deles. Esse papel é ocupado agora pelos Shoppings.

Agnaldo

- Reclama da falta da falta de feedback das universidades, que só vão lá para executar suas pesquisas, sem muito retorno.
- Comenta a falta de eventos culturais desenvolvidos dentro da feira, que era o que chamava a população para dentro, como algo mais do que apenas o comércio;

FUTURO DA FEIRA

● Severino

- A reforma da feira é essencial para a manutenção dela. Sem uma reforma, a feira vai inevitavelmente regredir cada vez mais;
- Só quem já frequenta a feira é que continua nela, o restante já se direcionou para as outras formas de comércio.

Socorro

- Sugere que planos que já estão em fase de pré-implementação podem ser um dos caminhos possíveis para um futuro melhor para a feira;
 - Oficina de Cordel;
 - “Casos da feira” um periódico só com assuntos da feire;
 - Os feirantes vão ter acesso para saber como estão sendo vistos e contribuir para a divulgação da feira;
 - Embolada de coco;
 - Oficinas de modos de ofício, que ensinam como melhorar a produção dos utensílios que serão vendidos.

IMPORTÂNCIA DA SALVAGUARDA DA FEIRA

● Socorro

- Fala feira como um “museu vivo” da história do nosso povo;

Severino

- Levanta o aspecto econômico: com ¼ de desempregados no Brasil, a feira é um gerador de empregos importantíssimo.
- **Socorro** complementa dizendo que revitalizando a feira, as pessoas vão entrar para conhecer o que mudou, e assim ficar como fregueses depois; (visibilidade)

Agnaldo

- Fala da ameaça que é a falta de segurança dentro da feira;
 - Máfia dos cigarros, dos fogos..
- “O futuro da feira depende de pessoas interessadas”

APÊNDICE B – EXEMPLO DE ANÁLISE DO DISCURSO

Segue abaixo uma síntese de todo o procedimento metodológico adotado na identificação da Fala Social dos participantes da pesquisa. A título de ilustração, destacamos trechos das falas de três entrevistados arguidos em torno da questão sobre o papel da prefeitura na salvaguarda da feira. A transcrição na íntegra da entrevista que fundamenta a análise de discurso está disponibilizada no acervo (banco de dados) do grupo de pesquisa GIDs.

Quadro I – Exemplo de Análise do Discurso (seleção das expressões-chave).

| Tema: Papel da prefeitura na salvaguarda da Feira Central de Campina Grande | |
|--|--|
| EXPRESSÕES CHAVE | Ideias Centrais |
| <p>Frases-chave1- Administrador da Feira Central</p> <p>“E se nós estamos dentro de um logradouro público, evidentemente a responsabilidade é da Prefeitura. Agora hoje, eu creio que nenhuma obra pública ela faz diretamente com recursos próprios. Tem que ter algo, tem que ter essa parceria. Hoje, eu já estou vendo a Secretaria de Desenvolvimento, que foi um ponto muito forte. A gente teve uns convidados para fazer parte, junto com o Comitê de Salvaguarda da Feira Central. O IPHAN foi fundamental e está sendo fundamental, para chamar todos os órgãos que estão atrelados dentro do código de postura do município para unir forças e cobrar. Os feirantes estão totalmente desacreditados (...).”</p> | <p>IC1 -</p> <ul style="list-style-type: none"> - A prefeitura possui responsabilidade com a feira; - Há realização de reuniões periódicas para analisar o futuro da feira; - o fruto dessas reuniões são planos para o desenvolvimento da feira; - os planos dependem de parcerias para financiamento porque a prefeitura sozinha não dispõe de recursos; |
| <p>Frases-chave2- Coordenadora de Educação Patrimonial</p> <p>“Essas reuniões são periódicas, o IPHAN está aqui e todo mês tem uma reunião com o Comitê Gestor (...)”</p> <p>“Há tentativa de algumas entidades de fazer intervenção na Feira buscando essas melhores condições de trabalho. A mais recente foi a do IPHAN, que através de um projeto está adquirindo recursos para a reconstrução da fachada do Eldorado, porque os turistas visitam o Eldorado, na cidade cenográfica do Parque do Povo, aí quando chegam lá, vê o que vê (...)”</p> <p>“(…) aí de repente a gente tem o Museu Digital da cidade, que não coloca a Feira. É um espetáculo, mas no mapa interativo não tem a Feira Central.” E uma reunião importantíssima, que foi a implantação do cartão Visa para os feirantes, e aquele projeto, “o bom é na Feira”, e de repente, aconteceu o que aconteceu. Então, o tempo todo, o comitê, os representantes, ficam se perguntando, mas o pessoal não quer participar.”</p> | <p>IC2 -</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os feirantes são totalmente desacreditados; - A ausência de participação dos feirantes gera dúvidas na gestão; - O IPHAN e o Comitê de Salvaguarda da Feira Central têm colaborado com o incentivo ao debate sobre o futuro da feira <p>IC3 -</p> <ul style="list-style-type: none"> - O financiamento privado é importante para feira porque nenhuma obra pública se faz sozinha; - as intervenções são em busca de melhores condições de trabalho |
| <p>Frases-chave3- Professor de História da UFCG</p> <p>“Eu não sei se um projeto como esse de remodelação da Feira deve ser um projeto muito caro. Não sei se a prefeitura tem a totalidade do recurso para bancar, né? [...] Então a prefeitura tem que estar a frente, não sei se ela pode bancar a reforma da Feira sozinha, mas há possibilidades de se fazer isso.”</p> <p>“-Então, isso é um sintoma muito perigoso, porque se no Museu Digital, que eu imagino que queira dar conta de fragmentos da história da cidade, e esquece de um dos mitos fundadores da cidade, então isso significa que o impacto simbólico que a Feira tem, que sempre teve, sob a população de Campina Grande, está se perdendo.”</p> | <p>IC4 -</p> <ul style="list-style-type: none"> - A feira não é reconhecida em outras ações de empreendimentos culturais a exemplo do Museu digital; - O reconhecimento da feira é relevante devido a seu papel na formação da cidade; |

ELABORAÇÃO DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)

Ao superpor as ideias centrais no exemplo acima de parte da transcrição da entrevista, têm-se o seguinte discurso ou Fala Social:

A Feira Central é reconhecida como um importante espaço na formação da cidade de Campina Grande, apesar de ser negligenciada em espaços públicos de uso cultural como o museu digital que não traz informações sobre a feira. Isso se deve, em parte, pelo fato dos feirantes serem desacreditados e ausentes na decisão de gestão desse espaço por parte da prefeitura, responsável direto pelo planejamento e desenvolvimento da feira. Observa-se nos discursos que o problema da ausência de reconhecimento da feira e da falta de motivação dos usuários diretos se dá em decorrência da pouca participação de empresas privadas em ações para melhoria da infraestrutura e equipamentos da feira de forma a proporcionar melhores condições de trabalho uma vez que a prefeitura não dispõe de recursos próprios para tais melhorias. As reuniões periódicas entre a prefeitura e organizações sociais como o IPHAN e o Comitê de Salvaguarda da Feira Central ao proporem planos de desenvolvimento para a feira.

Obs. A Fala Social corresponde a reorganização das Ideias Centrais de forma a ficar acessível ao entendimento do leitor, seja este leigo ou estudioso do tema. Se caracteriza, portanto, como o Discurso do Sujeito Coletivo uma vez que expõe a Fala Social obtida na entrevista e analisada nos procedimentos (expressões-chave e ideias centrais) estruturada de forma a ser compreendida pelo leitor.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO LITERAL DA ENTREVISTA DE GRUPO FOCAL.

Falem um pouco sobre a experiência de cada um de vocês em relação à Feira Central.

Administrador : Experiência que eu posso falar é de primeiro gratidão a Deus, tá dentro de um universo daquele de feirantes, e sempre a gente fala que aquilo ali é como uma universidade da vida, até porque a gente aprende muito com as pessoas, costumes que eu não tinha. Fui para aquela Feira super ignorante, não falava porque não tinha conhecimento, e quando a gente se depara lá dentro, começa a estudar de novo, estudar melhor a importância daquele equipamento comercial não só para Campina Grande, mas como para cidades circunvizinhas, que estão ali ao redor (...) e o aprendizado do dia-a-dia com aquele comerciante que não sabe ler, não sabe escrever, mas tem uma boa qualidade de vida, tem um bom salário. Aprendi bastante nos costumes, porque a gente vai pr'uma feira e eu creio que a gente já tá acostumado também, quando as coisas não tão funcionando legal, o nome pejorativo de Feira é como se fosse "bagunça"... Veja que em determinado setor, o caba diz: "rapaz, respeita aí, rapaz... tá pensando que aqui é feira?", então eu tinha essa visão mesmo quando estava negociando, porque desde criança que eu vivo dentro da feira, mas o meu olhar era diferenciado enquanto gerente. Enquanto gerente, ele parte de uma experiência totalmente diferenciada, porque você passa a cobrar, e ser cobrado. Então quando você começa a entender o comércio enquanto comerciante, e enquanto gerente, são dois pontos totalmente diferentes, mas não deixa de ser uma experiência boa em todos os aspectos. Boa porque você aprende a conviver que você não conhece e temperamentos também diferentes. E... algo que eu sempre digo: vivendo um dia de cada vez. Agradeço a Deus por hoje, eu não sei como é que vai ser amanhã. Temos momentos de alegria, temos momento de tristeza, mas dentro de um serviço público, principalmente no tempo de hoje, eu vejo também como um grande desafio: que tipo de ferramentas, que tipo de equipamentos eu tenho pra gerenciar algo na capacidade da Feira Central, do tamanho da Feira Central, que a história da feira se confunde com a história de Campina Grande, e isso pra gente é um privilégio. Não por vaidade, mas como desafio e como aprendizado.

Professor: A minha relação com Feira é muito antiga. Eu só tenho 24 anos de Campina Grande, então aqui eu sou neófito, né? Dos colegas que estão aqui na mesa, eu só tenho 24 anos que venho aqui. Mas sou de Cajazeiras, e desde muito criança, eu tenho uma relação muito íntima com Feira, muito próxima com Feira. Trabalhei na Feira durante um tempo como ajudante de vendedor de sandálias, né? E, enfim... na minha infância, as compras eram feitas na Feira ou nas mercearias de bairro, que hoje estão praticamente extintas. Com relação à Campina Grande, que é o que lhe interessa aqui, minha relação com essa Feira é de consumidor. Eu faço feira, na Feira, à exceção dessas coisas que a gente compra em supermercado, mas ainda assim, num supermercado que está praticamente, dentro da Feira. Eu compro verduras, compro até a um casal que produz verduras ali em lagoa seca, peixe, fígado, alguma carne, e compro sempre as mesmas pessoas. Eu sou muito fiel. Então, a minha primeira relação com a Feira, assim, pessoalmente, é de consumidor, mas evidentemente, na condição de professor de História e tendo escrito já um trabalho sobre Campina Grande, e um desses capítulos desse meu trabalho versa sobre cotidiano e cultura material, que evidentemente a Feira entra com força total, até porque o recorte cronológico que eu estabeleci foi 1930-1950. Então eu trabalhei com uma série fotográfica bem interessante. Não é que a Feira tenha sido meu objeto de estudo, mas por força de analisar a cultura material e como é que as pessoas viviam materialmente, e por aquela época, a Feira era o maior centro abastecedor não só de Campina Grande, mas como o administrador da Feira disse, da região, então eu tenho um interesse historiográfico também sobre a Feira. Tive a oportunidade de ler uma quantidade relevante de trabalhos de memorialistas, em que a Feira aparece de maneira absoluta na vida das pessoas. Então, há essa importância. De fato a história de Campina Grande se confunde com a história da Feira. É uma espécie de marco inicial na mitologia fundadora da cidade. Quando eu falo em mitologia, evidentemente eu não falo em mito, você sabe

bem o que eu estou dizendo. Mas enfim, aquele princípio fundador da cidade, aquela coisa dos tropeiros, que atravessam a história de Campina Grande. Então é isso. Digamos assim, eu tenho essa dupla relação com a Feira. Na minha condição de historiador, pesquisador e professor de História, eu tenho esse interesse acadêmico pela Feira, e tenho na condição de cidadão e consumidor, eu sou um consumidor convencido da Feira.

Coordenadora (07:30): Primeiramente, eu sou filha de ex-feirante. Meus pais, meu pai e mãe trabalharam 42 anos na Feira Central de Campina Grande, no comércio de carnes frescas. De repente, todos os meus irmãos, ajudavam na Feira, e eu e minhas 2 irmãs ficávamos encarregadas de fazer a Feira. E fazendo a Feira, naquela época nós pegávamos um balaieiro, o balaieiro ia nos acompanhando e nós íamos comprando as mercadorias e colocando no balaio... e levávamos para casa. Foi assim o meu primeiro contato com a Feira. Depois, ia à Feira periodicamente, por necessidade. Pegar algum dinheiro para fazer depósito, quando meu pai não podia sair, e de repente era aquela época em que criança podia sair com bastante dinheiro, não é? Ia aos bancos para fazer depósito. E eu fazia esse trabalho com 12 anos de idade. Depois, continuei meus estudos, e de repente meu primeiro trabalho foi na Delegacia da Federação do Comércio de Campina Grande, e o que eu fui fazer nessa delegacia foi desenvolver um trabalho de secretária de 3 sindicatos. E por coincidência, um deles era o Sindicato Varejista de Carnes Frescas de Campina Grande. Foi quando eu comecei a ter contato com os feirantes de carnes frescas e a conhecer também as primeiras dificuldades que eles enfrentavam na Feira. E aí passaram-se alguns anos, continuei minha vida acadêmica. Quando fui convidada pela professora Giovanna para trabalhar com ela (fui aluna dela no curso de história), integrei a equipe que fazia pesquisa na Feira: o Iventário de Referências Nacionais para estudar o que tinha na Feira de celebração, modos, ofícios, saberes, tudo. O que havia na Feira, edificações históricas, e aí aprendi muito. Foi quando eu aprendi realmente o real significado da Feira de Campina Grande para a cidade de Campina Grande. Como o Professor falou, foi muito interessante o recorte dos anos 30, que foram períodos de instabilidade e estabilidade da Feira, fixando ela onde está atualmente. Mas eu digo a você, eu continuo sendo consumidora da Feira. Meus filhos são consumidores, meus genros são consumidores da Feira, gostam muito do picado da Feira, são pernambucanos, mas têm a Feira como referência de alimentos que eles saboreiam: a variedade de castanhas, a gelada de coco, o picado, a buchada, e por aí vai. Assistem quando podem o primeiro sábado na Feira de cada mês, quando os ativistas culturais desenvolvem suas atividades, e a Feira pra mim hoje é elemento fundamental do meu trabalho, como eu trabalho na Coordenação de Educação Patrimonial da Secretaria de Educação, nós acompanhamos os educadores das escolas, e foi uma boa oportunidade para que a gente pudesse divulgar a importância da Feira para Campina Grande, esse grande museu vivo que a gente tem.

Que tipo de obstáculos são atualmente encontrados pela feira central?

Coordenadora (12:30): Eu acho que ainda hoje, um dos grandes problemas da Feira é saneamento, né? Desde a década de 70, quando eu comecei a frequentar a Feira, que é séria a questão de saneamento, de sanitário, de estrutura, física mesmo. Reformas que aconteceram foram reformas paliativas. Eu não sei se Administrador pode confirmar, mas nunca houve verdadeiramente uma reforma que atendesse as necessidades dos feirantes, por que também a Feira Central tem uns 2.000 feirantes, aproximadamente, ou mais.

Administrador (13:20): Se nós temos 4.400 pontos, multiplique por dois. Fora os ambulantes, que não existe o cadastro. Fora feira de troca-troca, ou feira de troca, como fala, porque tem produtos informais, produtos que não tem liberdade de trabalhar lá dentro. São aquelas pessoas que pegam frete, os cabeceiros. Então, se a gente for olhar todo esse contexto, só ali na Feira, num território de aproximadamente 75.000m², são 10.000 pessoas. Por que além dos comerciantes e de tudo isso que nós já falamos, a gente não se depara, porque a gente vê só o comércio que os nossos olhos estão ali à vista, mas a gente não se depara com os moradores, do primeiro, segundo, terceiro e até quarto andar. Então, se você for olhar só nesse território são aproximadamente 10.000 pessoas, fora os que vêm fazer a realização de suas compras, então é algo fantástico.

Coordenadora (14:50): e a Feira, a cada dia que passa ela aumenta mais, né?

Administrador (14:55): E o olhar dele (Professor), olhe como é importante. Eu tô olhando aqui de 2005 pra cá. Imagine ele, que já vem acompanhando lá atrás, veja como é a importância, de algo que foi construído em, não foi 1 ano, nem 2 anos, nem 3 anos. Ao passar dos anos, como a vem a questão de você entender melhor o significado de estar na Feira, de passar na Feira. Coordenadora falou algo, olha só: ela tava lá, veio conhecer melhor o que era a Feira diferente do meu, porque basicamente, eu entendia enquanto comerciante. Fruta, verdura. Isso eu vendia. É totalmente diferente quando você está gerenciando. Você agora passa a cobrar e ser cobrado. No caso dela, ela estava lá enquanto filha de feirante, e também pode dizer que era feirante, porque se ia auxiliar em serviços bancários, também estava fazendo parte, mas veio ter outra visão quando passou a trabalhar e a estudar melhor a feira com outro sentido, teve um olhar diferenciado.

Coordenadora (16:08): Na minha época, ainda havia o chamado “rapa”, onde os vendedores ambulantes de verdura, principalmente, e temperos, eles não podiam ocupar as áreas por onde passavam os fregueses. E agora, existe uma preocupação da demarcação que não tá sendo fácil pra você (Administrador) também, não é?

Administrador (16:33): não. **Coordenadora (16:35):** Pronto, eu via essas dificuldades.

Administrador (16:40): E que a culpa, eu fiquei sabendo isso a dois meses atrás, e a Feira ela já tinha o seu quantitativo, já tinha as pessoas que ocupavam, tipo os meio-fios, já existiam os armazéns, farmácias, nos meio-fios, e as ruas eram livres. De tanto as pessoas ocuparem o Centro da cidade, foi que eles colocaram essas pessoas lá na Feira. Dizem que o poder público muitas vezes continuar super atualizado porque quando começa a encher as calçadas que tem aqui na Floriano Peixoto, “tira esse pessoal!”. Tira, mas coloca onde? Leva pra Feira. Então, a Feira é como se fosse um coração de mãe, que sempre acolhe. Agora, que tipo de acolhida é essa que vem fazendo que lá na frente ela venha causar esse transtorno e esse inchaço que tá hoje. Então essas pessoas que estavam na época também não tinham essa visão de chegar, como em todo local existe uma “área sazonal”. Por que não colocar pra esse pessoal que esteja hoje independente de cadastro, pode comercializar suas mercadorias, mas ao mesmo tempo a prefeitura ou quem for o gestor não ia ter essa responsabilidade de delimitar o espaço.

Agora gostaria que Professor falasse sobre conflito entre vozes diferentes no decorrer da história

Professor (18:45): Durante a elaboração do meu trabalho, da minha pesquisa, eu li bastante os jornais “de época”, como a gente costuma chamar os jornais produzidos na época, particularmente editoriais. Porque veja, esse mercado é inaugurado em 1942, por Vergniaud Wanderley, e uma outra coisa muito importante pra mim nesse período foi a convivência absolutamente profícua com uma das pessoas mais brilhantes que eu já tive contato até hoje, que foi o Dr. Bezerra de Carvalho. Eu convivi com o Dr. Bezerra de Carvalho de 2004, quando comecei minha pesquisa, até a morte dele em 2011, em 14 de setembro de 2011. Era um convívio quase que diário, na casa dele na Duque de Caxias. Então evidentemente, o Dr. Bezerra chegou aqui no ano de 1937, para morar, e evidentemente eu recorri muito às memórias dele, pois ele era um homem absolutamente lúcido e foi amigo daquelas pessoas todas que hoje são nome de rua. Vergniaud Wanderley era paciente dele. Então veja, a construção do Mercado significou um aspecto da modernização de Campina Grande, porque os letrados da época, homens brilhantes, como Carlos Agra, Cristino Pimentel e Epaminondas Câmara, todos esses homens reivindicavam a construção do mercado para Campina Grande, porque uma cidade moderna tinha que ter um mercado. Então veja, a Feira que sempre foi um motivo de orgulho, inclusive para a elite de Campina Grande, pelo tamanho, pelas dimensões, pelo que atraía de população do entorno de Campina Grande e não só dessas cidades circunvizinhas mas dos estados também. Eu lembro agora de um livro chamado “O menino de Tracunhaém”, de Manoel Pessoa Mendes, que vem de Pernambuco, criança com os pais dele, e quando chega aqui vem fugido de uma enchente lá que arrasou a casa deles, as terras, e ele se encanta com a Feira. Ele diz que parecia um mercado Persa (ele diz isso textualmente lá nas memórias dele), então veja é algo de encantamento, a Feira tem esse encantamento entre as pessoas que viveram nesse período lá. Então chega um determinado

momento aí, no fim da década de 30, no início da década de 40, em que alguns intelectuais de Campina Grande, como esses que eu falei, começam a reivindicar do poder público a construção de um mercado, porque não se admitia, a retórica era mais ou menos essa: não se admitia uma cidade como Campina Grande, com o grau de modernidade que a cidade tem, ter os produtos alimentícios vendidos no chão, então tem muitas fotografias que atestam isso, como ainda hoje tem, principalmente esses feirantes “não oficiais”, aqueles que não estão cadastrados, que chegam e encostam seu carrinho de mão, ficam vendendo ali suas verduras. Então havia uma grita muito grande desses letrados em relação a isso. Aquela feira estava “enfeizando”, eles usavam muito esse adjetivo: “enfeizando” a cidade. Eu lembro de um artigo, se eu não me engano, de Cristino Pimentel, em que ele dizia mais ou menos assim, que os campinenses tinham se tornado acrobatas, de tanto escorregarem em casca de frutas na feira e se equilibrarem. É evidente que isso era uma criação dele, de grande literato que ele foi, mas pra desqualificar a Feira, em função da construção desse mercado. Então nós temos aí uma perda dessa importância simbólica da Feira, pela intervenção desses letrados, cujo objetivo era a construção do mercado. Todavia, o mercado é construído, a Feira em grande medida é transferida para lá, mas o espaço do mercado é insuficiente, então ele nunca resolveu o problema da feira na rua. A Feira continua na rua apesar do mercado. Eu conversando com Dr. Bezerra, ele me deu umas 600 fotografias digitalizadas, e eu conversando com Dr. Bezerra eu dizia: “mas Doutor Bezerra, uma foto de 42 e tá lá a Feira estendida aí até o início da Floriano Peixoto”, ele disse “não, caba, o mercado não resolveu o problema da Feira de maneira nenhuma, a Feira continuou, o mercado não cabia tudo. A feira era enorme”. Então, eu tenho fotografias: vendiam-se móveis na Feira. Evidentemente, naquela época não haviam as lojas que existem hoje. **Administrador (24:55)**: A Marcílio Dias, naquela parte de baixo, ainda continua. **Coordenadora (25:00)**: É na rua principal, as alvenarias eram ali. E de móveis usados, também. **Professor (25:05)**: Pois é, muito interessante. Móveis usados. Então, tinha feira de tudo. Ainda hoje tem, né? A feira da galinha, muito famosa, feira das flores, e essas coisas todas. Então, veja, contemporaneamente, tem esse problema que a professora Coordenadora já mencionou, que eu acho muito sério. O problema de saneamento, realmente é uma coisa que detrata a Feira, e eu torço muito para que esse projeto de modernização da Feira saia do papel e seja enfim implementado. **Coordenadora (25:52)**: Requalificação, né? **Professor (25:54)**: É, essa transformação, que precisa tanto hoje em dia.

Qual seria o papel da prefeitura nessa transformação?

Professor (26:20): Acredito que como a Feira está sob a organização da Prefeitura, eu quero crer, então a Prefeitura desempenha, se quiser, dependendo do Prefeito que estiver à frente, pode desempenhar um papel, o nosso administrador da Feira pode falar melhor do que eu, porque ele está lá dentro, e conhece melhor do que eu as entranhas disso tudo, mas aí a Prefeitura tem um papel preponderante. Eu não sei se um projeto como esse de remodelação da Feira deve ser um projeto muito caro. Não sei se a prefeitura tem a totalidade do recurso para bancar, né? Mas seguramente há projetos, eu não sei hoje na conjuntura nacional tal qual nós estamos enfrentando hoje, de grandes dificuldades, de cortes orçamentários em todas as áreas, eu não sei em que medida uma instituição como o Banco do Brasil contribuiria para isso. O próprio governo do estado e o governo federal, por meio do Ministério do Turismo, que não sei se ainda existe. Existe, né? Então há possibilidades, mas quem tem que encampar isso é a Prefeitura, à medida que a Feira é municipal. Então a prefeitura tem que estar a frente, não sei se ela pode bancar a reforma da Feira sozinha, mas há possibilidades de se fazer isso.

Administrador (27:56): Hoje, a contrapartida tem que existir do município. Tem que existir uma contrapartida. Mas desde 2005 que a gente tem conhecimento, quando eu assumi a Feira. Eu entrei em 2005, depois passei 3 anos. Saí, fui pra Feira da Prata, que também foi outra contrapartida da Prefeitura e na época, Ministério do Turismo, mas aconteceu junto das associações, que é importante também, até porque representa a coletividade dos feirantes. E se nós estamos dentro de um logradouro público, evidentemente a responsabilidade é da Prefeitura. Agora hoje, eu creio que nenhuma obra pública ela faz diretamente com recursos próprios. Tem que ter algo, tem que ter essa parceria. Hoje, eu já estou vendo a Secretaria de Desenvolvimento, que foi um ponto

muito forte. A gente teve uns convidados para fazer parte, junto com o Comitê da Salvaguarda da Feira Central. O IPHAN foi fundamental e está sendo fundamental, para chamar todos os órgãos que estão atrelados dentro do código de postura do município para unir forças e cobrar. Uma coisa é eu cobrar sozinho, outra coisa é você chamar mais uma, duas, três instituições que tenham um foco em desenvolvimento, para poder chegar e revitalizar um equipamento como esse. Então, essa contrapartida já existe por parte da Prefeitura, mas é um orçamento alto, que sozinha ela não tem condições de colocar em evidência.

Coordenadora (29:48): Então, Administrador, ainda falando dessa situação da Feira, foi 27 de setembro de 2017, que a Feira foi votada com aprovação unânime, na sessão do IPHAN, que deu o título de Patrimônio Cultural para a Feira Central, só que uma das ações de Salvaguarda que talvez será a mais importante para a gente renovar esse título daqui há dez anos, é a requalificação da Feira Central de Campina Grande. Se essa requalificação não acontecer, nós corremos o risco de perder o título de Patrimônio Cultural do Brasil. Sem contar que, por causa desse plano de salvaguarda, a coordenação de educação patrimonial se juntou à Secretaria de Desenvolvimento, e inscreveu o projeto de requalificação da Feira Central no edital do Ministério da Justiça, para concorrer aos recursos.

Administrador (31:11): O bom é que começou por ele (Professor) esse papo, e eu sempre vou afirmar que isso pra mim é uma aprendizagem. Eu não estudei história. Só naquela época lá atrás. Eu só tenho ensino médio, então o bom é que a cada dia que passa eu venho aprendendo muito com vocês. A cada momento quanto mais aparece (...) a Universidade, quando chega na Feira eu dou a maior atenção, porque o primeiro a aprender sou eu. Então veja da história que ele contou, dos problemas que existiam lá atrás, ainda continuam atualizados, na questão do “Partido A” e “Partido B”. Não sei se nos seus livros, nos seus estudos, você viu a diferença de “Partido A” e “Partido B”, e ela continua do mesmo jeito, porque se houvesse um pouquinho mais de boa vontade, sairia do papel. Só precisa articulação e atitude.

Coordenadora (32:10): O lado do IPHAN já foi feito. Do IPHAEP também, junto ao projeto, né?

Administrador (32:20): É. Tudo aprovado. **Coordenadora (32:22):** Já está tudo pronto. O projeto estava arquivado na Caixa Econômica Federal, e perdeu (...) a verba que saiu prescreveu o valor. Já é inadequada agora para a requalificação da Feira, teria que ser feito um novo orçamento. E tudo isso aí está correndo entre a SECOB, a SEPLAN, e vez por outra, a coordenação, por causa do plano salvaguarda da Feira, é chamada a discutir essa situação e participar dos projetos.

Professor (33:08): Administrador, deixa eu te perguntar uma coisa. Qual é a posição da associação dos feirantes no tocante à modernização da Feira?

Administrador (33:18): Os feirantes estão totalmente desacreditados. Totalmente desacreditados. A última (...) não vou dizer nem reforma, mas o último equipamento bom pra Feira foi aquela cobertura. Depois daquela cobertura, eu não posso falar de revitalização, eu vejo manutenção: manter o que já existia desde a sua fundação. E é algo também que tanto corpo de bombeiros quanto Defesa Civil já avaliou, já fez suas vistorias, e já condenou determinada parte, porque a qualquer momento pode vir a acontecer um desastre dentro da Feira. É algo que eu também não posso sair daqui, porque eu estou sendo ouvido, e eu não sabia se lá na frente por ventura aconteça algum incidente ou acidente, seja lá o que for, o primeiro a se responsabilizar é o gestor, porque ele é quem responde pela situação atual. Então, é algo grave que está acontecendo, e eu não vou deixar de falar muito dessa questão da boa vontade. É preciso que tenha alguém de boa vontade que queira fazer algo pela Feira. Essa história da Feira que antes era mencionada... olha só, vem gente de fora, o próprio Ulpiano, que foi o relator, foi o que deu o veredito final para a Feira se tornar Patrimônio Cultural do Brasil, e batizou a Feira Central como “A Feira das feiras”. Todas as pessoas que chegam de fora hoje ainda se encantam com a Feira, menos os próprios comerciantes. Se a associação está lá, mas você vai fazer uma reunião e convoca, e só aparece 4, 5 comerciantes, o que é que está acontecendo? **Coordenadora (35:16):** Essas reuniões são periódicas, o IPHAN está aqui e todo mês tem uma reunião com o Comitê Gestor, que foi organizado a partir do Fórum de Salvaguarda. Esse fórum aconteceu em 11 e 12 de setembro de 2018, e neste Fórum de Salvaguarda da Feira, foi formado esse Comitê Gestor. Então, ele vem se reunindo periodicamente, ouvindo os feirantes, buscando propostas, para tentar uma solução, e pelo menos melhorar a qualidade de quem está trabalhando lá, mas é uma

luta constante, porque se faz de repente, STTP, SESUMA, Defesa Civil, todo esse pessoal junto com a administração está desenvolvendo ações na Feira buscando melhoria para os feirantes e para os fregueses, mas aqui acolá, o trabalho é desfeito.

Administrador (36:28): Agora, veja bem. Você colocar, como foi realizado 14 plenárias, para chegar a esse projeto de revitalização: casa cheia. Então, a expectativa desse comerciante, veio e disse: não, agora vai. Porque os arquitetos faziam de determinada forma, mas eles também tinham direito de opinar. E isso só passava através de plenária. É difícil você realizar um projeto com essa magnitude, dessa maneira que foi realizado, e foi aprovado. “Vamo” lá, colocaram placa, show de bola. Colocou início e término, e aí? Aí começa a vir de novo a falta de perspectiva e expectativa por parte de alguns. Você convoca para uma reunião. Essa última reunião que aconteceu: apenas 4 feirantes. **Coordenadora (37:34):** E uma reunião importantíssima, que foi a implantação do cartão Visa para os feirantes, e aquele projeto, “o bom é na Feira”, e de repente, aconteceu o que aconteceu. Então, o tempo todo, o comitê, os representantes, ficam se perguntando: por que o pessoal não quer participar?

Administrador (37:56): Aí sobra ações, que na minha concepção (...) de domingo para cá, nós realizamos ontem a questão das vias, né? Para deixar mais aberto, mais viável até para o próprio consumidor. Ação pequena, mas a gente já viu resultado positivo. Então, o que fazer para poder atrair aquelas pessoas para voltarem pra Feira? Porque um dos pontos também é a questão da mídia. A mídia é positiva quando é para trazer algo, agora pra poder baixar é rapidinho, pra poder expulsar o povo. Muita mídia negativa com relação a Feira. Essa questão da manutenção dela, do saneamento, ainda é desde aquela época. **Coordenadora (38:49):** Agora, a instalação elétrica. Agora o forte, o perigoso, está na instalação elétrica. **Administrador (38:58):** Nós só estamos deixando essas vias abertas, em virtude da provocação do Corpo de Bombeiros, junto ao Ministério Público, que notificou junto a Prefeitura para poder realizar essa ação, mas o comerciante ainda não tem a noção de que ele precisa

deixar os espaços para as pessoas poderem circular com mais tranquilidade. **Coordenadora (39:25):** Veja, há tentativa de algumas entidades de fazer intervenção na Feira buscando essas melhores condições de trabalho. A mais recente foi a do IPHAN, que através de um projeto está adquirindo recursos para a reconstrução da fachada do Eldorado, porque os turistas visitam o Eldorado, na cidade cenográfica do Parque do Povo, aí quando chega lá, vê o que vê. **Administrador (39:53):** Por mim, eu tirava aquilo ali, porque a história tá lá, mas a Feira é boa. Tem coisa melhor do que a Feira não. **Professor (40:08):** Mas aí você é favorável a retirada da cidade cenográfica? **Administrador (40:14):** Não, da cidade não, só do Eldorado, mas... **Professor (40:16):** Mas eu digo, retirar o Eldorado da cidade cenográfica? **Administrador (40:21):** Não, não... só de lá do Parque do Povo. **Professor (40:24):** Sim, mas é isso mesmo que eu estou dizendo! **Administrador (40:27):** É, mas eu falo nesse sentido de vergonha, porque quem “tá” lá na Feira sou eu, né? Aí o cara vai lá, aí viu o Eldorado, aí fala: “Ah! Então eu vou lá”, aí quando chega lá se depara com uma situação daquela, né? Porque quem colocou o tapume foi a gente, para não estragar o restante que ainda está lá, porque a qualquer momento também, aí a história apaga de vez, certo? Então eu falo mais nesse sentido: o que me chama atenção é quando vêm as pessoas de fora, mesmo com toda essa decadência (para os comerciantes, porque para eles não presta), porque por mais que a gente faça... Eu fico feliz da vida quando eu vou pra Feira de São Joaquim na Bahia, e encontro na situação que tá, aí eu digo: “mas rapaz, a Feira Central tá melhor!”. Eu fico feliz da vida quando vou lá pra Caruaru, que o pessoal fala muito da Feira, e aquele esgoto, que corre a céu aberto? Que de longe, a gente sente aquele mau-cheiro, mas ninguém fala. E eu vejo o pessoal defendendo com unhas e dentes a Feira de Caruaru, e por que não aqui? Aí vem a história partidária. Partido A, Partido B. Sempre tem que culpar políticos, onde eu vejo. Também, na minha visão, evidentemente, cada um aqui tem uma visão diferente, se cada comerciante tomasse conta do seu ponto comercial, se cuidasse do seu lixo, a gente não tinha tanto lixo, aí. Porque lixo hoje, a gente tá jogando lixo no mato, viu? Tão jogando dinheiro no lixo. Por quê quantas coisas não podem ser aproveitadas?

Então a gente precisa muito que as universidades, que os estudiosos, que grandes empresários que também precisam da Feira, façam alguma coisa. A gente não pode só depender do público. O privado tem que fazer alguma coisa, até pra ser beneficiado também com algo.

Professor (42:22): É, mas eu acho que isso pressupõe projeto, né? A iniciativa é sempre do poder público. Essa atração da iniciativa privada tem que partir do poder público. Quando você diz que é favorável à retirada do

Eldorado lá da cidade cenográfica, eu tô lhe entendendo, mas mesmo assim, aquilo ali é quase um ato de resistência. Então quando as pessoas vêm lá e querem ver na Feira e se decepcionam, isso deve servir como um “cutucão” no poder público. **Administrador (43:14)**: Para gente que tá lá, é. Para eles, alguns, eles não tão olhando a Feira como deveriam olhar. Isso eu tô falando num modo geral. Porque dizem que amam Campina, amam a Feira. Quem ama, cuida. Quem ama, não abandona. Viver de história é uma coisa, agora viver na situação que tá hoje, só sabe quem tá lá dentro. Então, se de uma forma organizada, ou de uma forma de que uma comissão chegasse lá e mostrasse a importância por exemplo da história do Eldorado, porque ali tem muita história. E quem é que vai chegar ao próprio gestor, e dizer, por exemplo: “Mas rapaz, lá tá dessa forma, olha a situação que a gente está hoje aqui”. **Coordenadora (44:08)**: O próprio centenário de Jackson do Pandeiro, é um recorte da história do Eldorado. **Administrador (44:39)**: E a gente teve uma felicidade, que o IPHAN já conseguiu 700 mil reais para ali. Isso aí é algo já pelo próprio José Carlos do IPHAN, que ele enviou para mim. É algo que já tá tudo ok. Então, ele teve a preocupação, e a gente tá vendo o que é que a gestão vai fazer para poder dar início a esse projeto. **Coordenadora (45:13)**: À todo momento a gente vê ações da sociedade, principalmente das instituições de ensino, a preocupação de mostrar o quanto que a Feira é importante. No ano passado, nós tivemos, o curso de Comunicação Social, que foi realizar uma pesquisa fotográfica na Feira. Esse material depois serviu para uma exposição de “Saberes e Sabores da Feira”, aí vêm as várias escolas do Sistema Municipal de Ensino, tanto públicas e privadas, é recorrente as mostras pedagógicas sempre representando a história da Feira de Campina Grande. É recorrente isso, e o poder público sabe disso. O curso de Arquitetura fez um projeto de sinalização dos pontos turísticos da Feira, aí de repente a gente tem o Museu Digital da cidade, que não coloca a Feira. É um espetáculo, mas no mapa interativo não tem a Feira Central. **Professor (46:40)**: Então, isso é um sintoma muito perigoso, porque se no Museu Digital, que eu imagino que queira dar conta de fragmentos da história da cidade, e esquece de um dos mitos fundadores da cidade, então isso significa que o impacto simbólico que a Feira tem, que sempre teve, sob a população de Campina Grande, está se perdendo. Agora, eu acredito que o atual prefeito tem conhecimento de tudo que a gente está dizendo aqui. Ele tem conhecimento da importância histórica do cassino do Eldorado. Não sei se ele é daqui de Campina, mas talvez o pai dele ou o avô tenha conhecido aquilo ali funcionando no auge, então alguma memória histórica ele tem daquilo, ou pelo menos informações históricas ele deve ter daquilo. Então, é uma questão mesmo política, porque a gente tem um problema muito sério no Brasil, isso não é um privilégio de Campina Grande. A gente tem uma memória histórica muito precarizada. Quando eu falo memória histórica eu estou generalizando, mas na verdade estou querendo falar da valorização do patrimônio. Há um desinteresse gritante por esse tema. **Coordenadora (48:28)**: O nosso museu histórico e geográfico de Campina Grande (...) **Professor (48:32)**: Caindo aos pedaços! **Coordenadora (48:33)**: É uma edificação bicentenária, e não há preocupação nenhuma com a secretaria responsável, em dar manutenção. A devida manutenção no museu. Nós temos arquivos escritos do museu, que não estão no museu, porque não tem condição. **Professor (49:08)**: Eu fiz pesquisa ali, pra mim era uma coisa desesperadora. Inclusive, o rapaz que trabalhava na época, era extremamente gentil. Ele estava ali como funcionário que não era da área, era um funcionário dos que a prefeitura sai alocando assim, a torto e a direito, mas ele tinha sensibilidade. Ele tinha em mente a importância daquilo ali para a história da cidade, apesar de não ser um geógrafo, historiador, nem nada. Ele gostava muito quando eu ia, porque ele conversava comigo, pedia orientações sobre como proceder, então sobre a massa de documentos lá ele disse que tinha muito mais, mas a massa de goteiras. Ele disse que se perdeu muitas fotografias, que foram roubadas. Então isso pra mim, atesta essa desvalorização do patrimônio histórico local. É o desinteresse puro e simples. Se não há por parte do poder público interesse de fomentar isso... Eu vejo esforços particulares das escolas. Não é nem das escolas, mas de determinados professores, de levar suas turmas para ir no museu do algodão, no próprio museu histórico, para tentar criar minimamente nessas novas gerações algum interesse por aquilo ali. Eu fiz pesquisa também no museu do algodão e inclusive escrevi um artigo sobre essa concepção de memória que percebi lá, e o artigo foi até publicado numa revista do Paraná. Comecei analisando o Projeto de Lei que transformou a estação em um museu, que foi de autoria da vereadora D. Maria Barbosa. Estive na casa dela com uns amigos (ela tem um filho que é meu amigo, Rui), e ele nos convidou para tocar saxofone, com dois amigos, e ele ficou super feliz e até

comentei com ele que tinha feito esse trabalho. A origem dessa lei municipal de autoria dela que criou o museu e até o acervo (procurei analisar a coisa na sua totalidade), evidentemente dentro das minhas possibilidades e limitações produzi o artigo que ia até apresentar num congresso lá do Paraná, mas por razões burocráticas eu não pude ir, mas eles publicaram lá na revista deles. Então, veja, o que falta é isso. E é uma dimensão muito elitista da memória, porque tem uma foto lá no museu muito bonita, de algumas das principais pessoas da cidade embarcando no trem para ir para Recife, e ao lado dessas pessoas tem uma mulher aparentemente louca, porque pelo relato dos memorialistas a gente percebe que essa região onde hoje de é o museu, na antiga estação, pro açude, ali o que tinha de crianças, de loucos de pedintes... então era uma festa, aquilo ali. Então nessa foto tem uma senhora que o jeito dela você imagina que ela fosse louca, e uma criança, um menino sem camisa, descalço. Mas essa foto quando circulou na época, tirou essa mulher e essa criança. Deixou apenas os políticos e jornalistas que iam embarcar para Recife. O fotógrafo foi muito feliz. O trabalho que hoje nós chamamos de pós-verdade, né? Então tiraram aquelas duas figuras indesejáveis, que era uma mulher muito pobre, que ou era pedinte ou louca, e um garoto claramente um menino abandonado, de rua. Sem camisa, descalço, negro. Então, eles não saem na foto oficial. Depois é que eu tive acesso à foto original. Então vejam, o fotógrafo foi bastante feliz, porque ele captou uma realidade que circulava ali diariamente: as pessoas que podiam ir para Recife, passear ou fazer negócios, e as pessoas que viviam no entorno da estação pedindo, esmolando, vendendo uma bugiganga ou outra, vendedores de cocada, doce, de bolinhos e essas coisas todas que haviam lá também. Então a gente tem ali um universo múltiplo, mas tem aquela coisa da “memória oficial”: o que a memória oficial guarda? **Coordenadora (55:04)**: Nós estamos falando em memória, em museus, e recentemente aconteceu a 17ª Semana Nacional dos Museus, que é promovida pelo Ibram, e foi agora de 13 à 19 de Maio. Nós aproveitamos esse período, e fomos para a escola divulgar os 11 museus e 9 memoriais que nós temos em Campina Grande. E a maioria dos educadores não conhece. Eu achei muito importante essa atividade, pois somos uma equipe de 4 pessoas. Nos dividimos, e fomos para o máximo de escolas possível, fazer essa divulgação. Temos uma revista de patrimônio aqui em Campina, que é virtual. Durante as comemorações do sesquicentenário de Campina Grande, nós elaboramos essa revista juntamente com UEPB, professores, historiadores, arquitetos, UFCG, Secretaria da Educação, memorialistas, e de repente nós tínhamos o orçamento para a reprodução dessa revista, que não foi impressa, mas conseguimos autorização para divulgar essa revista de forma virtual. A classe de educadores não conhecia essa revista. **Professor (56:44)**: A gente tem uma elite que adora os museus da Europa. Mas você vê o Museu Nacional, e qual foi o último Presidente da República a visitar o Museu Nacional? Juscelino Kubitschek. Último Presidente da República Brasileira a visitar o Museu Nacional foi Juscelino Kubitschek. Então por aí a gente tira esse descaso absoluto da nossa elite política e econômica com relação a nossa memória histórica. Nós tivemos verbas destinadas à reconstrução do museu cortadas pelo governo. É uma coisa absurda. Nós tivemos pelo governo da Alemanha aporte de dinheiro, do governo da França aporte de quantias robustas, como contribuição para a reforma do museu, aí o movimento do governo brasileiro é cortar. É o absurdo do absurdo. (58:00)

COFFEE BREAK

Psicólogo (58:45): De que forma conflitos internos políticos poderiam ou estão fazendo com que haja falta de representatividade no caso dos feirantes? Como vocês apontaram, representação nas reuniões e a falta da presença deles, esse tipo de coisa.

Administrador (59:33): Hoje a gente tem que acompanhar o tempo. Tem comerciante que tá lá há 40 anos, fazendo uma coisa só. Ou seja: 39 anos repetindo uma coisa só. Tem uns que chegaram agora, por exemplo o sobrinho do Cícero, no setor que já tentaram vender cereais, já tentaram vender confecções, mas ele colocou frios. Galego bonito, dos olhos azuis, esposa dele show de bola, educação, cartão de crédito: cresceu. Mas a

gente também tem Wilson, que vende verdura numa carrocinha, tem uma Hilux. Vai depender de quem está naquele tipo de atividade e acredita no seu potencial. Uma das coisas que eu aprendi ali na Feira. Tradição: Lauri Temperos. O filho dele assumiu. Hoje se você for olhar quem está trazendo a classe média e alta para dentro da Feira são eles, e é o pior espaço que tem pra o pessoal chegar é o ponto comercial dele. Tem que passar por um tanto de obstáculos, mas a gente vê um diferencial. **Coordenadora (1:00:59):** Ele investiu na embalagem, ele investiu no atendimento, então eu mesmo vou pra lá. Eu recebo gente de Pernambuco, e o pessoal diz: vai comprar esse, que tem lá em Lauri. Tudo tem lá em Lauri.

Pedro (1:01:28): Eu gostaria de saber também, como vocês vêem a Feira em relação ao futuro dela.

Professor (1:01:38): Bom, o futuro é uma incógnita. A sobrevivência da Feira, ao meu ver, ela passa necessariamente por decisões políticas hoje. A gente já teve aqui com o depoimento da professora (Coordenadora), para mim uma coisa muito grave: a não existência da Feira no museu virtual da cidade que trata da história da cidade. Então, isso para mim isso é uma coisa muito grave no ponto de vista da preservação dessa memória, da importância que a Feira tem para Campina Grande. O futuro da Feira passa necessariamente pelo presente. Se não houver investimentos sérios e efetivos para (...) eu tô pensando em termos estruturais da própria estrutura que a Feira tem hoje. Se não houver um esforço significativo nesse sentido... Projeto A, como Administrador disse, e eu conheço o projeto. Um dos arquitetos responsáveis, que é Fabiano Duarte, meu amigo. Ele mandou pra mim, eu dei uma olhada... muito, muito, muito bonito. Se aquilo vier a se concretizar, é outra coisa. Agora, considerando que as gerações que vem sucedendo, e os mais jovens, raramente você vê jovens na Feira. Os jovens não vão mais à Feira, porque aos jovens não interessa. Aos jovens interessa os shoppings, supermercados, os mercadões, as grandes lojas. Então, é um ambiente que é frequentado basicamente por pessoas de meia idade pra cima. À exceção de um ou outro, por exemplo: há cabeleireiros lá que são pessoas jovens. A prática de cortar o cabelo e fazer a barba na Feira sempre houve, só que pejorativamente se chamava pela-porco, porque eles eram pessoas mais pobres. Eu tenho fotos de lá, as cadeiras absolutamente desconfortáveis. Só ia quem não tinha dinheiro para ir pro barbeiro. **Administrador (1:04:00):** É um segmento fortíssimo agora na Feira, que são as barbearias, e apareceu muito cara jovem, e inclusive quebrou até um tabu. Eu nunca fui com minha esposa, que já tentou, e meu filho, pra fazer sobrelha, e tem um cara lá que é o Marco Júnior, e através do Marco Júnior, o cara de lado também. **Coordenadora (1:05:10):** E são pessoas capacitadas. Está aumentando a clientela, está aumentando o número de barbearias. São os chamados remanescentes do pela-porco. E ainda tem um barbeiro que foi do pela-porco lá. Agora, sobre o futuro da Feira com esse tipo de Patrimônio Cultural do Brasil, principalmente da Cultura Imaterial da Feira, o plano de Salvaguarda está aí tentando preservar a Feira para o futuro, só que o futuro ninguém sabe. Através do plano de Salvaguarda, nós estamos tentando. **Administrador (1:06:00):** E olha só que coisa boa: depois que a gente bateu na porta da Secretaria de Desenvolvimento, que até então não tinha feito absolutamente nada, mas entendeu a nossa proposta, e está fazendo parte do Comitê, porque foi algo que eu sempre analisei, sempre bati na porta, mas eu esperava da hierarquia. Mas eu gosto de furar bloqueio, então eu disse: tem como a gente nos articular com a Secretaria de Desenvolvimento? Então eu conversei com a secretária Rosália, e disse: o que é que ela pode fazer para nos ajudar na Feira, principalmente em termos de atividade cultural? Comecei pelo lado cultural, que é outro também que está muito adormecido. A gente vê dentro das universidades, dentro de tudo que é canto, menos na Feira. Depois do poeta Manoel Monteiro, depois do Dedé da Mulatinha, depois das Três Ceguinhas, que também eram na Feira Central. Quem é que pode falar hoje? Eu vejo muita gente estudando a Feira, levam para os TCC's da vida, estão dentro das universidades, mas não tem um feedback, nem para gente como gerente, nem para os comerciantes. Se eu não estivesse aqui, como que eu ia acompanhar isso? Agora você imagine, você pegando um monte de comerciantes jovens, porque acontece isso também. O pai dela (Coordenadora), se graças a Deus, ela conseguiu um certificado, seu pai não lhe ajudou para isso? Ai tem pessoas que começam a ganhar bem e dizem: mas pai, o senhor é aposentado, o que é que o senhor tá fazendo

aqui na Feira? Tira o pai. Então vai ficar menos um ponto, menos alguém que dê segmento. Como é que vai dar continuidade naquilo ali se ele não tem alguém para acompanhá-lo? Então tá faltando essa motivação. **Professor (1:08:20):** A sobrevivência da Feira passa necessariamente pela reformulação dela, por uma reestruturação, por um re-saneamento. Um projeto de saneamento digno, porque do jeito que ela está lá, ela afasta. Realmente, só vai lá quem gosta daquele universo ali, e eu gosto muito e vou muito cedo. E, o sinal dos tempos: eu gosto muito de conversar com os feirantes à quem eu compro, e nos últimos sábados, tenho percebido eles reclamando da falta de clientes. A clientela está diminuindo, e eu percebo, visualmente, é óbvio isso. Tem muito menos gente, a Feira. Veja, e eu vou muito cedo, 5:30 da manhã. Eu compro algumas coisas na Feira, essas coisas que eu já falei, e no Redecompras, as coisas de supermercados. Como meu picado ali que tem naquela banquinha na feira de flores, do lado direito, né? Mas é muito claro. Pra mim é muito claro, porque nesses 24 anos que eu moro aqui, eu sempre frequentei. É muito claro para mim a diminuição do público frequentador da Feira. Isso eu tenho ouvido sistematicamente dos feirantes, e evidentemente com diminuição nas vendas, diminuição no lucro. Evidentemente. Então, se o poder público não tomar uma iniciativa séria, de reestruturar aquela Feira, fisicamente, do ponto de vista sanitário, então aí sim, isso poderia sofrer uma profunda transformação, inclusive de público, porque muita gente não vai exatamente por causa (...) comprar carne ali na Feira é uma coisa arriscada. Apesar de que eu compro fígado lá. Um senhor, ele me disse que tem 40 anos que ele trabalha ali. Você entra naquele portão ali da Feira do peixe, é um senhor que vende fígado lá pra cima, do lado esquerdo. Ele trabalha ali há 40 anos, e ele me passa muita confiança. Mas não é todo mundo que chega ali pra comprar, porque não sabe a procedência das coisas. **(Administrador confirma)** Então, você, a senhora, qualquer um que já comprou carne ali na nutricarnes, aquela carne é toda certificada, mas é muito mais caro, infinitamente mais caro do que na Feira, evidentemente. **Administrador (1:11:00):** Mas a carne que entra lá através do certificado, os maiores, os profissionais que estão dentro desse trabalho são super super rigorosos, e têm nome, têm respaldo. Gláucio Maracajá por exemplo é um dos tais. Então, a vigilância sanitária aqui é muito efetiva, nesse sentido. **Professor (1:11:18):** Eu lembro que ano passado houve uma apreensão de carne de jumento, lá na Feira Central. **Administrador (1:11:25):** Prata. **Professor (1:11:26):** Foi na Prata, foi? **Administrador (1:11:27):** Foi, não foi na Feira Central não. Na Feira Central não foi, porque eu cheguei de madrugada e barrei tudinho. É aquele lado: eu tenho minha estratégia, são 9 portões, e tem um determinado horário que eu boto uma pessoa para fazer um trabalho diferenciado. Então, se naquele determinado horário, chegar uma pessoa com carne, não entra. Se insistir, ele liga pra mim, e quando eu vou, já vou com minha equipe, que é algo que, eu não sou técnico de vigilância sanitária, não sou técnico, e não entendo nada de carne, mas nem todo mundo tem coragem de fazer o que eu faço, ser ameaçado constantemente, e desde que meu pai teve a questão dos germes da carne de porco, que isso é normal também, né? E eu vi uma safadeza ali dentro, aí sai de cena Administrador enquanto gerente, e entra o cara, o homem, o cidadão, que ele vai lá para poder chegar e contestar. Agora, uma coisa que eu achei interessante também, com relação ao jovem lá na Feira, a gente tem que pensar algo que motive. Geralmente os comerciantes estão super desanimados porque não tem o corpo a corpo. Eu costumo dizer, se a gente chegar e convencer o pessoal como convencemos hoje da feira de flores, hoje cada uma me deu um abraço tão grande. A mulher que mais discutia comigo me deu um abraço, porque ela gostou, e ela teve uma resistência enorme em afastar as bancas, mas eu fui conversar com ela separadamente e mostrei pra ela. Aí você me pergunta: e os comerciantes, “chiamam”? Muito. Esculhambaram tanto mamãe. Eu só não digo nada porque eu não posso, pois além de ser mulher, vou respeitar seus cabelos brancos. Com relação à carne, eu tenho uma preocupação muito grande, porque tem que ter uma participação mais efetiva da vigilância. E daqui mesmo quem pode se prejudicar, sou eu que tenho que fazer a apreensão. Eu tenho credenciamento para isso? **Coordenadora (1:14:52):** Veja, Administrador falou na questão do ativismo cultural na Feira, então nós temos assim várias atividades culturais na Feira, para dinamizar a Feira: é dia do rojão, é capoeira na Feira, não é isso? E outros projetos. Nós agora inscrevemos três projetos bem importantes para ser desenvolvidos na Feira. Um é “botando boca”, que é a oficina de cordel para o grupo dos feirantes que se interessarem, estamos também já cadastrando os feirantes para a confecção de um periódico para divulgar o que existe na Feira. Esse periódico vai se chamar “Coisas da Feira”. Administrador está fazendo o cadastro. Todo feirante que se cadastrar vai ter nesse

periódico da feira, que é como um classificado, o seu comércio divulgado. Nós temos outro projeto também, que é a embolada de coco. Josafá de Orós está com o Cordel. **Administrador (1:16:30)**: Inclusive abrindo espaço né, para trabalhar com os filhos das “profissionais do sexo” lá da Feira, também. **Coordenadora (1:16:40)**: Existe um projeto que foi elaborado com a participação da (inaudível), para trabalhar com as “profissionais do sexo”. Os filhos desses “profissionais do sexo” e também outras crianças do entorno, eles desenvolvem projetos muito bons com o Tamanquinho das Artes, que é coordenado pela professora Eneida Agra Maracajá, através da fundação Solidarium. **Administrador (1:17:20)**: E tem o próprio Ministério Público, né? Que ele é quem banca a maioria dessas ações na Feira. **Coordenadora (1:17:24)**: E outra coisa: oficinas de modos de ofícios, e modos de fazer, porque nós temos ainda a pessoa que faz o “cocho”, a pessoa que faz o cesto, tem o celeiro, o fladeleiro, então tudo isso são oficinas que estão em processo de licitação para a gente conseguir a verba, e desenvolver lá na Feira. Agora é quase certo, já. Já houve a contratação dos profissionais, tudo. E pensando no futuro da Feira, é continuar divulgando, é continuar investindo em atividade cultural, divulgação do que existe na Feira... A Secretaria de Desenvolvimento de Campina Grande, junto da Coordenadoria de Turismo, junto também com a Coordenação de Educação Patrimonial, e é uma ação do Plano de Salvaguarda também, confeccionaram postais, para serem distribuídos agora durante o Maior São João do Mundo. Esses postais vem com apresentação do bem cultural em português, espanhol e inglês. Então, eu acredito o seguinte: uma vez que a gente investe nessas atividades, então nós estamos proporcionando que a Feira seja lembrada, mas que sejam ações permanentes. Se elas continuarem sendo permanentes, com certeza teremos Feira no futuro ainda. Agora se vamos renovar o título de Patrimônio Cultural, a gente não sabe. Vai depender de ações que dependem da boa vontade e do interesse do poder público.

Por que é tão importante nós não nos desconectarmos da Feira Central? Qual a importância da Salvaguarda da Feira?

Coordenadora (1:19:20): Porque a Feira é a história do povo de Campina Grande. A Feira representa nossa cultura em todos os setores. A Feira, como eu já disse anteriormente, é o nosso “museu vivo”.

Professor (1:20:15): Eu iria um pouco mais além. É claro que esse dado cultural que a professora levantou é importantíssimo. A Feira Central de Campina Grande é um marco histórico da cidade. Ela é um dos principais pontos desse mito construtor de Campina Grande, mas a gente tem que olhar para dimensão econômica da Feira. Hoje nós temos uma situação muito ruim no Brasil. Hoje 25% da população economicamente ativa está desempregada. Isso é um absurdo! É um absurdo completo. Nós temos ¼ da nossa população economicamente ativa sem emprego. E a Feira é um dado econômico muito importante. Então, por isso também. Agora, para a gente evitar esse declínio, que os próprios feirantes têm percebido, eu penso que necessariamente a gente tem que pensar na reestruturação da Feira, mas também isso já tá muito claro para as pessoas. Eu quero crer na medida em que aquilo ali for estruturado, for reorganizado, aquilo ali vai bombar. **Coordenadora (1:21:52)**: Vai chamar as pessoas inicialmente para conhecer como ficou. Ai conhecendo como ficou, vai dar a oportunidade de quê? De buscar. **Professor (1:22:10)**: Tenho muita esperança que isso ocorra, mas sou muito cético pela sobrevivência da Feira se isso não acontecer. A população jovem que está na Feira é muito pequena, é quase inexistente. Pelo menos na minha percepção. Eu posso estar completamente equivocado. Na minha concepção a população jovem tem se afastado da Feira, ou não vai à Feira, então pronto. Se os velhinhos vão morrendo, e os jovens não vão, então a Feira acaba.

Administrador (1:22:56): A visão hoje do futuro, principalmente dessas reuniões preparatórias que a gente teve do “Bom é na Feira”, o que é que a Secretaria de Desenvolvimento imagina? Não trabalhar com esses que frequentam a Feira Central. Buscar novos. Como é que vai buscar novos? Através da ferramenta das redes

sociais. Essa sinalização que vários arquitetos estão lá, é justamente para você poder identificar onde comprar melhor determinado tipo de produto. Na medida que você começar por partes, como a gente já tá começando pela Feira de Flores, se você entrar na Vila Nova da Rainha, você vai passar por um mercado vago, porque passa pelo peixe, já é o próximo portão. Então isso é algo que também tem que ver o que é que o pessoal quer que vá pra Feira. Quando você coloca sua mercadoria demais na frente do seu ponto: a experiência da feira de frutas, ninguém conseguia passar. Quando a gente fez a demarcação cadê o povo na Feira? Eles tão pensando que porque abriu o povo sumiu. Mas é porque a Feira Central também está relâmpago, depois das 13hs, 14hs, acabou. O pessoal vem pra Feira e também tem medo de chegar cedo como chegava antes. Quantos policiais nós temos ali na Feira? Nenhum! Em setor nenhum a gente tem policial. Qual a dificuldade? Quem vem pra Feira, vem com dinheiro. Então, eles agora não estão roubando dentro da Feira, porque existe uma equipe que trabalha lá dentro, mas eles estão atacando quem tá se aproximando, quem vem pelas entradas da Feira. Aí o que é que acontece? Outro tipo de furtos, para o armazém e para o comerciante: depois das 16hs, porque sabe que o comerciante vai sair dali com dinheiro. É algo que é um contexto, que um depende do outro. E não foi a toa, quem criou isso aqui ó (aponta para sua camisa que diz S.O.S Feira Central), e o que é que tem nas minhas costas, mesmo fazendo parte do poder público (Aponta para os dizeres “acorde poder público”, no verso de sua camisa)? Se eu estou fazendo isso é porque eu amo e tô lá dentro, agora tem pessoas que estão ganhando dinheiro e não amam a Feira. Tem essa questão. O futuro vai depender, porque eu aprendi muito com essa questão de História lá dentro da Feira, cada cabeça é um mundo. Tem os assassinos dos sonhos que dizem: eu não acredito mais nisso, em compensação tem um cara que vai fazer 6, 8 meses que tá lá dentro, inclusive eu até fiz uma postagem, que onde ninguém queria que era considerado favela, vá olhar o comércio do cara, ele e a filha dele. Existe a máfia dos cigarros, a máfia dos fogos, as drogas, e os próprios policiais. Você imagina você também lutar contra o sistema, porque antes ninguém via cigarro vindo do Paraguai, que tão agora até falsificando cigarro do Paraguai, então tem que ver todo o contexto, porque às vezes não é só o físico.

APÊNDICE D – MODELO DE QUESTIONÁRIO-PILOTO

Número do Formulário:

Local da pesquisa:

Data e hora da pesquisa: ____/____/____, ____h____min.

Sexo do pesquisado:

Faixa etária:

1. COMO CONSIDERA A ESTRUTURA DA FEIRA? Péssima Regular Boa Ótima
2. ASPECTOS POSTIVOS DA FEIRA:
3. ASPECTOS NEGATIVOS DA FEIRA:
4. SE FOSSE UMA DECISÃO SUA, O QUE MUDARIA NA FEIRA? E POR QUÊ?
5. CONHECE ALGUM PROJETO DESENVOLVIDO PELA PREFEITURA OU SECRETARIA DE PLANEJAMENTO URBANO PARA PROMOÇÃO DA ESTRUTURA DA FEIRA?
6. O QUE COMERCIALIZA?
7. PORQUE ESCOLHEU O COMÉRCIO?
8. PORQUE ESCOLHEU TRABALHAR NA FEIRA?
9. TRABALHA HÁ QUANTO TEMPO NA FEIRA?
10. NA FEIRA EXISTEM CONSUMIDORES DE OUTRAS CIDADES OU LOCALIDADES? Sim, de onde?
11. QUAL O TEU SENTIMENTO EM RELAÇÃO A FEIRA DE MODO GERAL?
12. QUAL A SENSÇÃO QUE VOCÊ TEM AO CAMINHAR NO ESPAÇO DA FEIRA?
13. QUAL A IMAGEM QUE VOCÊ TEM DA FEIRA?
14. A FEIRA AINDA MANTÉM SUAS TRADIÇÕES? Sim Não, por quê?
15. QUAIS OS TIPOS DE REPRESENTAÇÕES QUE PODEM SER IDENTIFICADOS NA FEIRA (VIOLEIROS, 'EMBOLES DE COCO'?)
16. QUANDO CONHECEU A FEIRA? DESDE QUANDO CONHECEU ATÉ AGORA, PÔDE PERCEBER MUDANÇAS SOCIAIS OU ESTRUTURAIS? Sim, quais impactos? Não
17. EM SUA OPINIÃO COM O ADVENTO DO MERCADO, A FEIRA PERDEU ESPAÇO OU POPULARIDADE? Justifique.
18. O QUE A FEIRA REPRESENTA PARA VOCÊ?

Autoria: Xisto Souza Júnior, agosto de 2018.

Estudante pesquisador: Pedro de Farias Leite e Silva.

APÊNDICE E – FICHA DE INVENTÁRIO

| | | | | | | | | | | | |
|---|----------------------------------|---|-----------------|---|---------------------|-------------------------|-----------------|---------------------|-------------|---------------------|----------------------|
| LOCALIZAÇÃO: Feira Central de Campina Grande | | | | | | | | | | | |
| TIPO DE AMBIENTE: (X) Feira Livre () Mercado público () Mercado () Praça | | | | | | | | | | | |
| BAIRRO: Centro | | | | | HORA: 10:30 | | | | | | |
| ASPECTO DE ACESSO: | | | | | | | | | | | |
| | Sinalizado | X | Com vigilância | | Com asfaltado | X | Com obstáculos | | Saneado | X | Illuminado |
| X | Não Sinalizado | | Sem vigilância | X | Sem asfalto | | Sem obstáculos | X | Não Saneado | | Sem iluminação |
| ASPECTOS DA ESTRUTURA | | | | | | | | | | | |
| X | Coberto | X | barracas fixas | | C/ anti-incendio | X | Possui banheiro | X | Saneado | X | Illuminado |
| X | Sem cobertura | X | barracas móveis | X | S/anti-incendio | X | Serviço médico | | Não saneado | | Sem iluminação |
| QUANTO A DIVISÃO DO AMBIENTE: O QUE POSSUI? | | | | | | | | | | | |
| X | Setores específicos (comércio) | | | X | Lojas de alvenaria | | X | lixeiras espalhadas | | X | Acesso amplo (largo) |
| | Locais devidamente identificados | | | X | barracas de madeira | | X | ventilação | | | |
| OBSERVAÇÃO DURANTE A VISITA: | | | | | | | | | | | |
| X | PESSOAS CIRCULAVAM | | | | | O AMBIENTE ESTAVA LIMPO | | | X | ANIMAIS NO AMBIENTE | |

| TIPO DE PRODUTOS COMERCIALIZADOS x CONDIÇÕES DE ARMAZENAMENTO | | | | | | | |
|---|-----|-----|---------------------|-----|------|--------|-----------|
| TIPO | NÃO | SIM | COND. ARMAZENAMENTO | | | LOCAIS | |
| | | | EXCELENTE | BOA | RUIM | ACESSO | DEFINIDOS |
| Alimentícios/PERECÍVEIS | | X | | X | | | |
| Alimentícios/Não PERECÍVEIS | | X | | X | | | |
| OBJETOS | | X | | X | | | |
| RAÍZES E DERIVADOS | | X | | X | | | |
| UTENCÍLIOS/UTILIDADES | | X | | X | | | |
| ROUPAS | | X | | X | | | |
| ELETROELETRÔNICOS | | X | | X | | | |

Autoria: Xisto Souza Júnior, agosto de 2018.

Estudante pesquisador: Pedro de Farias Leite e Silva.

ANEXO

ANEXO A – CROQUI: FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE-PB.

